

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

JOEL RODRIGUES DE MOURA

**INSURREIÇÃO IMPRESSA: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA IMPRENSA EM
EPISÓDIOS DO MOVIMENTO OPERÁRIO PERNAMBUCANO (1900 A 1930)**

RECIFE – PE

2023

JOEL RODRIGUES DE MOURA

**INSURREIÇÃO IMPRESSA: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA IMPRENSA EM
EPISÓDIOS DO MOVIMENTO OPERÁRIO PERNAMBUCANO (1900 A 1930)**

Relatório técnico final para apresentação do produto de Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva

RECIFE - PE

2023

M929i Moura, Joel Rodrigues de
Insurreição impressa : a instrumentalização da imprensa
em episódios do movimento operário pernambucano
(1900 a 1930) / Joel Rodrigues de Moura, 2023
71 f. : il.

Orientador: Juliano Mendonça Domingues da Silva
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2023.

1. Pernambuco - História. 2. Grupos sociais - História.
3. Movimento operário - Pernambuco - História
4. Imprensa - Pernambuco - História. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

JOEL RODRIGUES DE MOURA

INSURREIÇÃO IMPRESSA: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA IMPRENSA EM
EPISÓDIOS DO MOVIMENTO OPERARIO PERNAMBUCANO (1900 A 1930)

Data de Aprovação: 22 / 08 / 2023 .

Prof. Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva - UNICAP

Orientador

Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim - UNICAP

Membro titular interno



Prof. Dr. Tiago Fernandes Maranhão - Loyola University New Orleans

Membro titular externo

RECIFE - PE

2023

AGRADECIMENTOS

Aqui, dedico meus agradecimentos iniciais a todos meus familiares, especialmente a meus genitores, Sra. Severina Rodrigues de Moura e Sr. Reginaldo Rodrigues de Moura (*in memoriam*), e meus filhos, irmãos, neta e minha noiva, por todo o apoio e dedicação empenhada na ajuda para a realização deste trabalho.

Agradeço também aos bons amigos que emprestaram sua compreensão, ajuda e paciência ao longo desta jornada. Não posso deixar de mencionar os funcionários do Arquivo Público Estadual João Emerenciano, da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e da Biblioteca Central da Universidade Católica de Pernambuco, que sempre me atenderam com uma inesgotável presteza.

Deixo minha imensa gratidão aos professores do curso, em especial ao Prof.Dr. Helder Amorim, coordenador do PPGH, por me auxiliar a perceber um mundo muito maior no meio historiográfico, reavivando minha paixão pelo estudo e práxis da História, por meio de seus sempre bem acertados ensinamentos, destacando aqui a figura de meu orientador, Prof. Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva, que tanto me guiou com seus pacientes conselhos e orientações as quais procurei sempre absorver a risca durante minha caminhada acadêmica.

Por fim, agradeço aos estimados membros da banca orientadora, em sua grata disposição de estarem presentes neste culminante momento de conquista e celebração.

"A palavra mais importante na linguagem da
classe trabalhadora é 'solidariedade'"
- Harry Bridges

RESUMO

O principal objetivo da pesquisa foi captar a trajetória do grupo social formado pelos movimentos políticos operários em Pernambuco no atravessar do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Foi enfatizado o período de 1921 a 1922, período no qual circulou o jornal operário “Diário do Povo – Órgão dos interesses coletivos de Pernambuco”, uma das principais fontes do estudo. Foi realizada a investigação de acervos digitais como o da hemeroteca da Biblioteca Nacional, e físicos como o da Biblioteca Municipal do Recife, o Arquivo Público do Estado de Pernambuco e da Biblioteca Central da Universidade Católica de Pernambuco, com fundamentação teórica baseada na busca de artigos indexados e de livros. A pesquisa frutificou em quatro textos distintos que juntos capturam partes de um todo que foi o movimento operário pernambucano na aurora do século XX, os quais estão disponíveis de forma gratuita ao público geral, além dos fragmentos de publicações do periódico digitalizados durante a pesquisa. O principal entendimento alcançado é de que os jornais operários foram uma ferramenta catalisadora para a mobilização e organização classista e política dos trabalhadores não só em Pernambuco, como em todo o país. Figuram como fontes inestimáveis de informação sobre estes movimentos e nos apresentam uma janela para entendermos as dificuldades, lutas e conquistas desta nova classe social que muito lutou para não ser esmagada pelos desmandes de uma sociedade capitalista que se anunciava moderna, mas ao mesmo tempo ainda tinha os dois pés fincados fortemente na superestrutura escravista.

Palavras-chave: trajetórias, historicidade e memória, grupos sociais, movimento operário, jornais operários.

ABSTRACT

The main objective of the research was to capture the trajectory of the social group formed by the political labor movements in Pernambuco in the middle of the 19th century and the first decades of the 20th century. Emphasis was placed on the period from 1921 to 1922, a period in which the working-class newspaper “Diário do Povo – Organ of the Collective Interests of Pernambuco” was printed, one of the main sources of the study. The investigation of digital collections such as the library of the National Library, and physical collections such as the Municipal Library of Recife, the Public Archive of the State of Pernambuco and the Central Library of the Catholic University of Pernambuco was conducted, with a theoretical foundation based on the search for indexed articles and books. The research resulted in four distinct texts that together capture parts of a whole that was the Pernambuco labor movement at the dawn of the 20th century, which are freely available to the general public, in addition to fragments of publications from the journal digitized during the research. The main understanding achieved is that the workers' newspapers were a catalyzing tool for the mobilization and class and political organization of workers not only in Pernambuco, but throughout the country. Workers' newspapers appear as invaluable sources of information about these movements and present us with a window to understand the difficulties, struggles and achievements of this new social class, severely attacked by a capitalist society that announced itself to be modern, but at the same time still had both feet strongly rooted in the slave culture.

Keywords: trajectories, historicity and memory, social groups, labor movement, workers' newspapers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia do cabeçalho da capa da primeira edição (Caderno I – N. 1) do jornal “Diário do Povo – Órgão dos interesses coletivos de Pernambuco”	12
Figura 2 – Logomarca criada para o <i>website</i>	24
Figura 3 – Representação da visualização da página principal (<i>homepage</i>) do <i>website</i>	25
Figura 4 – Representação da visualização da seção “Resultados” na página principal (<i>homepage</i>) do <i>website</i>	26
Figura 5 – Representação da página “Linha do Tempo”, disponível na seção “Resultados” do <i>website</i>	28
Figura 6 – Representação da transição da ilustração da página “Linha do Tempo” disponível na seção “Resultados” do <i>website</i>	29
Figura 7 – Representação da página “Ideologia”, disponível na seção “Resultados” do <i>website</i>	30
Figura 8 – Representação da página “História”, disponível na seção “Resultados” do <i>website</i>	30
Figura 9 – Representação da página “Análise”, disponível na seção “Resultados” do <i>website</i>	31
Figura 10 – Representação do formulário para acesso aos tomos digitalizados do Diário do Povo (1921-1922) e da primeira edição da Gazeta Operária (1890).....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	14
2.1. “APOSENTA TEU GRILHÃO, PATRÃO: O MOVIMENTO SINDICAL NA IMPRENSA PERNAMBUCANA (1900-1930)”	15
2.2. “A QUIMERA IDEOLÓGICA: REFLEXÕES SOBRE A PUREZA IDEOLÓGICA NA GÊNESE DOS MOVIMENTOS OPERÁRIOS EM PERNAMBUCO”	16
2.3. “VILAS OPERÁRIAS: SENZALAS DA EUGENIA EM PERNAMBUCO”	18
2.4. “ENTRE LINHAS E IDEIAS: ANÁLISE DO DISCURSO DO JORNAL DIÁRIO DO POVO”	19
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	21
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	23
4.1. PÁGINA PRINCIPAL (HOMEPAGE)	25
4.2. ESTRUTURAÇÃO DOS RESULTADOS	28
4.3. PÁGINA ACERVOS E FONTES.....	31
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES.....	36
8. BIBLIOGRAFIA	37
APÊNDICE A	40
Artigo submetido à Revista História Unicap (e-ISSN 2359-2370).....	40

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está situado no campo dos estudos sobre trajetórias de grupos sociais, com ênfase em episódios relacionados à história do movimento operário em Pernambuco, com a concepção de memória, a partir de uma abordagem historiográfica. Considera-se aqui, o estudo de trajetórias como as conclusões suportadas pela reflexão do pesquisador da História a partir das biografias e das histórias de vida individuais ou coletivas estudadas no decorrer da pesquisa¹. Portanto, toma-se como objeto de estudo o perfil ideológico e os projetos políticos do movimento operário em Pernambuco, a partir da retomada de reflexões acerca de episódios importantes para o desenvolvimento e consolidação da classe operária no Estado, utilizando-se de diferentes fontes historiográficas.

É importante, portanto, diferenciar movimento operário e classe operária, tratadas, numa perspectiva historiográfica, como sinônimos por diversos autores, mas que conforme destaca Souza Dianna (2016):

[...]o surgimento e a formação da classe operária são processos distintos do surgimento e formação do movimento operário. Este se constitui muito mais como resultado da consciência de classe dos trabalhadores organizados em torno de objetivos comuns do que um conjunto de pessoas que desenvolvem atividades comuns. Em linhas gerais, todo operário faz parte da classe operária, embora nem todos os operários façam parte do movimento operário. Portanto, o movimento operário constituído como movimento social a partir de lutas, reivindicações e resistência será o escopo deste trabalho. (Souza Dianna, 2016, p. 17)

O movimento operário brasileiro nasce em decorrência do processo de industrialização do país ainda no período histórico da República Velha ou Primeira República, como também pode ser denominado o período de 1889 a 1930². É consenso que a industrialização modificou rapidamente as relações de poder da classe trabalhadora e dos empregadores, tornando a relação capital-trabalho ainda mais conflituosa. Embora o período histórico e a própria temática pareçam exauridos quanto aos interesses de historiadores, principalmente no que diz respeito às greves gerais, Bartz (2014) pontua que isso não deve ser por si um fator limitador, devendo o pesquisador estar atento para fazer uma análise a partir de novas perspectivas de

¹Expande-se a definição dada por Guérios (2011) para “estudo de trajetórias” a partir da concepção de coletividade em biografias e histórias de vida.

² O período compreendido como a Primeira República inicia-se com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, e findou-se com a denominada Revolução de 30, dando início a “Era Vargas”.

trajetórias, em especial, para episódios tratados como exceção à regra ou negligenciados, propondo novos questionamentos e, conseqüentemente, trazendo novas respostas.

Considerando o processo de industrialização da Europa como marco referencial, pode-se admitir que a industrialização brasileira foi tardia, uma vez que, nos países pioneiros, o processo avançava para novas etapas de modernização da Revolução Industrial, no Brasil isso se dava timidamente na transição dos modelos de trabalho, da força de trabalho escrava para a adoção de mão de obra assalariada e livre. À medida que essa transição encontrava forte resistência entre os patrões, a politização da nova classe trabalhadora era repreendida, reconhecendo-se aqui a importância da imprensa operária, que além de atuar fortemente neste processo de politização e organização da classe operária, foi reconhecidamente mais atuante que os próprios sindicatos e federações para a formação do movimento operário (SANTOS, 2008; MARQUES, 2012).

Rezende (1994) aponta que o início do século XX foi um período de grande furor e mobilização da resistência operária, chocando diretamente com a tradicional visão historiográfica que caracteriza a Primeira República como um período dominado quase que exclusivamente pelo coronelismo e os grupos oligárquicos – se por um lado é inegável esta característica em particular, por outro, o período não é definido apenas por este cenário político. Justamente nos três primeiros decênios após os mil e oitocentos, surgiram vários grupos operários por todo o país, de sociedades mutualistas a partidos formados por entidades proletárias.

Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo explorar episódios da gênese do movimento operário em Pernambuco e da instrumentalização da imprensa para politização e organização de uma consciência de classe. Assim, como percurso metodológico, foram desenvolvidos quatro trabalhos, sendo dois capítulos de livros já publicados e dois artigos, um publicado e outro no prelo.

Considerando o tempo histórico da pesquisa, o primeiro trabalho a ser explorado é intitulado de “A quimera ideológica: Reflexões sobre a pureza ideológica na gênese dos movimentos operários em Pernambuco”³, que traça um perfil ideológico do nascente movimento operário no Estado em meados do final do Século XIX para o XX, produzido a partir de um ensaio que teve como objetivo discorrer sobre a transição ideológica do

³Trabalho publicado como capítulo em GUILHERME, Willian Douglas; FREITAS, Patrícia Gonçalves de; MELLO, Roger Goulart (org). Memória em diálogo: Variantes da história, política e cultura do Brasil, v.2. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2022.

movimento operário, fundamentalmente de viés político comunista, socialista, anarquista ou anarco-sindical, como um percurso natural de todo movimento social que se reinventa de acordo com os seus atores e contextos históricos.

A partir das reflexões e perguntas formuladas durante a construção do texto “Quimera ideológica”, foi elaborado o trabalho “Vilas operárias: senzalas da eugenia em Pernambuco”⁴, que aborda o cenário da implementação das vilas operárias na região de Recife, que se deu na virada do século XIX para o século XX no contexto brasileiro. De fato, numa nova perspectiva de análise, ou seja, diferente do que se costuma difundir contemporaneamente, as vilas operárias não se caracterizam como benefício dado ao trabalhador como ato de caridade dos patrões. Muito pelo contrário, as vilas operárias foram instrumentos para expandir o controle que o patrão exercia sobre seus empregados, sem sucesso, pois o modelo fora frustrado pelo organizado e emergente movimento operário.

O artigo “Aposenta teu grilhão, patrão: o movimento sindical na imprensa pernambucana (1900-1930)”⁵, investiga o movimento de formação e organização sindical dos trabalhadores pernambucanos no início do século XX sob a ótica da imprensa operária, a partir da representação midiática de seus personagens e de suas principais pautas, de modo a identificar a relação entre movimentos de trabalhadores e conquista de direitos políticos no referido período.

A pesquisa foi direcionada ao resgate do jornal “Diário do Povo – Órgão dos Interesses Coletivos de Pernambuco” no Acervo Público de Pernambuco, e que integrou o rol da imprensa operária e circulou em Recife entre setembro de 1921 e agosto de 1922. Reconhecendo-se, portanto, a importância histórica da trajetória do “Diário do Povo” como um veículo de comunicação coletiva e, oportunamente como um potente instrumento de politização e organização do movimento operário, foi produzido o artigo “Entre linhas e ideias: análise do discurso do jornal Diário do Povo (1921-1922)” (no prelo).

Fundado por Joaquim Pimenta, o jornal Diário do Povo publicou sua primeira edição em 13 de setembro de 1921 (Figura 1), sob direção de Raul Azêdo e Joaquim Pimenta, ostentando como slogans: “Educar o povo para que o povo eduque os governantes” e “É

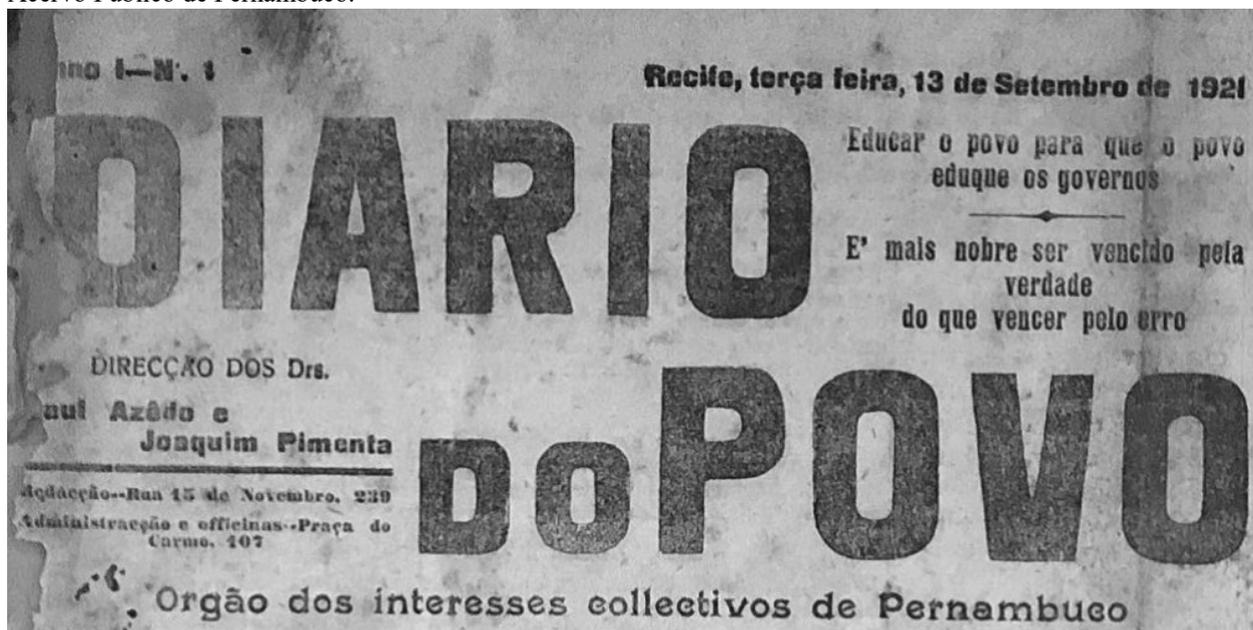
⁴ Trabalho publicado como capítulo em MELO, Andréa Cadena Bandeira de; MOURA, Joel Rodrigues de (org.). Diálogos, historicidade e memórias. Recife: Libertas, 2022.

⁵ Publicado no Anais do XV Colóquio de História da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco) e V Colóquio de História do PPGH (Programa de Pós-graduação em História) em 2021. Acesse em: <https://doity.com.br/coloquiohistoriaunicap>

melhor ser vencido pela verdade do que vencer pelo erro”. Além de apresentar-se como “órgão dos interesses coletivos de Pernambuco”, o jornal ainda dispunha de uma Coluna Operária, um espaço que, para além de publicação de notícias das organizações de trabalhadores, serviria à propagação das ideias políticas e abraçar a classe trabalhadora:

Órgão do povo para o povo, este “Diário” trairia sua própria elevadíssima missão se não abrisse em suas páginas uma coluna proletária, destinada à livre manifestação do pensamento obreiro. Fazendo o pensamento prestar um real serviço à laboriosa e sofredora classe operária, uma das grandes forças motriz da sociedade. Assim poderão doravante os nossos trabalhadores discutir e agitar pela imprensa diária assuntos doutrinários e de política de classe, e é claro, que essas questões sejam tratadas no campo elevado e impessoal dos princípios, externados e propagados numa linguagem moralmente superior, nobre e pura como a ideologia por que se sentem inspirados. (Diário do Povo, n. 1, 13 set 1921, p. 2)

Figura 1 – Fotografia do cabeçalho da capa da primeira edição (Caderno I – N. 1) do jornal “Diário do Povo – Órgão dos interesses coletivos de Pernambuco”. Direção dos Drs. Raul Azêdo e Joaquim Pimenta, disponível no Acervo Público de Pernambuco.



Fonte: o autor.

A imprensa foi o principal mecanismo propulsor de uma sociedade revolucionária, sendo o principal meio de expressão das ideias com grande alcance (TOLEDO, 2007). Logo, os líderes do movimento operário reconheceram nos jornais um instrumento não somente de expressão dos trabalhadores, mas também como um importante meio para educação e divulgação dos ideais libertários, o que promoveu a plena expansão da imprensa operária durante a Primeira República (MARTINS, 2007; MARQUES, 2012).

A imprensa operária esteve tão presente na gênese do movimento operário que a própria história da imprensa se confunde com a história do movimento operário no Brasil, concluiu Astrojildo Pereira em sua obra “A Imprensa Operária no Brasil”, de 1972:

[...] que a história da imprensa operária é a própria história da classe operária, das suas lutas, dos seus sofrimentos, das suas esperanças. Desde os primeiros periódicos, aparecidos há cerca de um século, quase todos de vida curta e difícil, até os nossos diários de hoje, o que vamos palpitar em suas colunas é sempre o mesmo pensamento generoso voltados para o futuro, para uma pátria livre e independente, em que o trabalho seja lei comum, a condição primeira e última de bem-estar para todos. (PEREIRA, 2012, p. 88).

Essa percepção de instrumentalização da imprensa é corroborada por outro importante historiador, Nelson Werneck Sodré, que publicou o livro “História de imprensa no Brasil”, com primeira edição em 1966, e já na introdução afirma:

A história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações. (SODRÉ, 1999, p. 1)

Vale salientar que o jornal “Diário do Povo”, passou despercebido no estudo de Pereira (2012), o que provavelmente levou o autor a percepção de que “1921 foi um ano de pausa forçada, de balanço das batalhas perdidas, de revisão de métodos, de autocrítica e sobretudo de novos caminhos” (PEREIRA, 2012, p. 87). De fato, pouquíssimos trabalhos exploraram o jornal “Diário do Povo”, na perspectiva do movimento operário, com destaque para o trabalho de Bartz (2015), que fez uma análise mais expandida do periódico no contexto das disputas entre as lideranças do movimento operário pernambucano e da formação do Grupo Comunista de Recife, em 1922, reconhecendo o importante papel do jornal nestes processos.

Percepção igualmente compartilhada por outros diversos autores e historiadores, a imprensa operária é reconhecidamente uma importante fonte histórica para a reconstrução do movimento operário no país e objeto de pesquisa valoroso para historiografia. Assim, o presente trabalho busca contribuir com a comunidade acadêmica a partir da disponibilização de material bibliográfico produzido a partir de novas abordagens e olhares sobre os primórdios do movimento operário pernambuco entrelaçados com as narrativas do jornal “Diário do Povo”.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Considerando o tímido anteprojeto apresentado pelo autor para ingresso no Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco, cujo tema era a “Organização política sindical dos servidores do judiciário do Estado de Pernambuco”, com objetivo principal de investigar, produzir e socializar o conhecimento de como se deu a organização e formação política sindical dos servidores do judiciário do Estado de Pernambuco, o presente trabalho representa, ainda que modestamente, o resgate acadêmico de um licenciado em estudos sociais (1992) e a formação de um historiador após mais de três décadas dedicadas ao exercício de oficial de justiça em Pernambuco.

De fato, à medida que novas disciplinas eram ofertadas, alguns conceitos da história eram rememorados e novos eram apreendidos, levando a refletir sobre o anteprojeto, seus objetivos iniciais e sua viabilidade, que revelou a impossibilidade de seguir com tal projeto. Então, a partir da apreensão de novos conhecimentos acerca de questões teóricas e metodológicas da pesquisa em história delimitou-se um novo objeto de pesquisa: a gênese do movimento operário nas primeiras décadas do século XX.

Reconheceu-se, portanto, que ao menos dois aspectos não podiam deixar de ser considerados para a viabilidade e o desenvolvimento do projeto de pesquisa. O primeiro aspecto está relacionado à definição de movimento operário quanto objeto de pesquisa em história, evitando fraturas identitárias. O segundo, mas não menos relevante, trata-se do suposto esgotamento da temática, considerando que diversos pesquisadores se debruçaram sobre o objeto abordado no mesmo período, que compreende ainda a Primeira República do Brasil, e que foi marcado pela industrialização do país e pela decretação de greves gerais, que, conseqüentemente, tiveram papel essencial para consolidação do movimento operário brasileiro. Neste sentido, Bartz (2014), pondera:

Falar sobre o movimento operário brasileiro na Primeira República, parece, em um primeiro momento, incursionar por um tema já há muito debatido e por um período histórico quase esgotado no interesse dos historiadores, principalmente aquele marcado pelas greves gerais. [...] De qualquer forma, não creio que isso seja um fator limitador, pois pretendo fazer uma análise que, a partir deste tema, proponha novos questionamentos e novas respostas para questões que foram até agora tratadas como exceções a uma regra estabelecida ou foram simplesmente negligenciadas. (BARTZ, 2014, p. 11)

Atentando-se a estes aspectos, definiu-se como abordagem metodológica a historiografia da trajetória da classe operária para consolidação do movimento operário brasileiro, o que permite lançar novos questionamentos e novas perspectivas para releitura de episódios, conforme preconizou Bartz (2014). De acordo com Almeida Filho (2016), a historiografia refere-se ao “acúmulo de trabalho” produzidos por historiadores e demais pesquisadores, que permitem a sistematização do conhecimento e das reflexões sobre o objeto de pesquisa.

Delimitado o objeto de pesquisa, partiu-se para as leituras e análise do material pesquisado, que, naturalmente, induzia a novas proposições, culminando com o achado do jornal “Diário do Povo”, um periódico representativo da imprensa operária no Recife, resultando na produção de três manuscritos já publicados e um quarto texto que sendo preparado para submissão a revista “História Unicap”, publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco (<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia>), como previamente apresentados na introdução em ordem histórica.

Mantendo-se fidedignos ao percurso metodológico proposto no projeto de pesquisa, a seguir, os trabalhos publicados serão apresentados em ordem cronológica de produção, evidenciando sua esquematização lógica e racional.

2.1. “APOSENTA TEU GRILHÃO, PATRÃO: O MOVIMENTO SINDICAL NA IMPRENSA PERNAMBUCANA (1900-1930)”

O primeiro artigo explora de modo panorâmico o entrelaçamento da história do movimento operário com a história da imprensa operária, já percebida por outros historiadores como Ferreira (1978) e Pereira (2012), ainda em 1972. O artigo está estruturado em dois principais tópicos.

No primeiro tópico é feita a contextualização “das origens do trabalho operário e a necessidade de organização do trabalhador”, que explora diferentes visões sobre a incursão do processo de industrialização do país como condicionante da organização do trabalhador. Contudo explora-se um cenário menos convencional, “em que a sociedade e as relações sociais entre trabalhador livre e empregador eram virtualmente as mesmas entre

escravizadores e escravizados, uma luta aberta por direitos era agudamente desigual” (MOURA, 2021, p. 615).

O segundo tópico, intitulado de “O jornal: articulador político e ideológico”, discorre sobre instrumentalização da imprensa para promover a politização e a organização dos trabalhadores em torno de uma consciência classista, enfatizando a imprensa pernambucana, destacando jornais operários “A Hora Social”, fundado em 1919 e fruto da organização da Federação da Classe Operária de Pernambuco; “Diário do Povo”, fundado em 1921 por Joaquim Pimenta; e “A Tribuna do Povo”, fundado pelo tipógrafo Antônio Bernardo Canellas em 1918. Nesta altura, já se definia o jornal operário Diário do Povo, disponível no Acervo Público de Pernambuco, como fonte historiográfica de maior interesse para esta pesquisa.

Contudo, naquele momento, devido às restrições sanitárias e epidemiológicas em decorrência da COVID-19, a pesquisa se viu limitada, mas não paralisada. De fato, durante o desenvolvimento desta primeira etapa não passaram despercebidas as contradições políticas e ideológicas entre lideranças do movimento operário. Para Costa (1982):

Não há campo mais controverso na historiografia brasileira de nossos dias do que a história do movimento operário. Além dos debates que brotam naturalmente de querelas acadêmicas, em consequência da crescente competição nos meios universitários, existem outros, mais significativos que derivam dos conflitos ideológicos e políticos do momento. Estes são particularmente intensos no Brasil de hoje, quando a reabertura recoloca o problema da participação política dos operários, dando margem a um renovado debate entre as várias facções da esquerda brasileira que disputam, entre si, a liderança do movimento operário. (COSTA, 1982, p. 217)

Essa recorrente percepção, associada às considerações do trabalho, permitiu explorar as contradições ideológicas nos primórdios do movimento operário em Pernambuco, resultando na segunda publicação.

2.2. “A QUIMERA IDEOLÓGICA: REFLEXÕES SOBRE A PUREZA IDEOLÓGICA NA GÊNESE DOS MOVIMENTOS OPERÁRIOS EM PERNAMBUCO”

Este artigo foi publicado como capítulo no livro “Memória em Diálogo: Variantes da história, política e cultura do Brasil, Vol. 2”, da Editora e-Publicar⁶. Sem qualquer pretensão de esgotar o tema abordado, o manuscrito sintetiza, nas suas poucas páginas, a pesquisa sobre o perfil ideológico do movimento operário pernambucano em seus movimentos iniciais,

⁶ GUILHERME, Willian Douglas; FREITAS, Patrícia Gonçalves de; MELLO, Roger Goulart (org). Memória em diálogo: Variantes da história, política e cultura do Brasil, v.2. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2022. 197 p.

inicialmente com o objetivo de definir um perfil ideológico da vanguarda classista, fosse de viés comunista, socialista, anarquista ou anarco-sindical, servindo de contraponto à percepção convencional de contradição na história do movimento. No entanto, destacou-se que:

À medida que era levado a cabo o levantamento em artigos, teses e ensaios e as leituras da pesquisa eram concluídas, todas as fontes, por mais diversos que fossem os discursos, convergiam para uma só noção: em suas fases embrionárias, os movimentos operários na aurora do Século XX em geral não possuíam uma linha ideológica fielmente “nos trilhos”, em suas formas “puras”, semelhante ao que concebem os movimentos ditos proletários de nossos dias. (O que está relacionado) à capacidade de pluralismo e diálogo dessas novas ideias, o ativismo político do operariado pernambucano é permeado por um sincretismo de filosofias e políticas que hoje são comumente tidas como incompatíveis, como o caso do socialismo e o cristianismo. Essas parcerias improváveis davam uma tônica única aos modos que os trabalhadores conduziam suas lutas sociais. (MOURA, 2022a, p. 171)

Neste contexto, foi adotado o termo quimera, nome dado a uma criatura mitológica, que, conforme explica Moura (2022a), trata-se de uma criatura:

[...] composta por partes do corpo distintas de animais naturalmente incompatíveis entre si, tendo como representação clássica uma cabeça de leão, o corpo de uma cabra e como cauda uma cobra viva. Esse amalgama biológico compõe um animal que apesar de impossível na concepção, formava um ser tão vivo quanto os movimentos operários e seus socialismos do evangelho ou sindicatos católicos. (MOURA, 2022a, p. 171)

O capítulo foi dividido em dois tópicos: “A quimera ideológica vaga desde cedo” e “A quimera canta em Pernambuco”. No primeiro, analisa-se brevemente a postura de alguns atores históricos considerados pioneiros do socialismo brasileiro, sendo evidente essa “tônica eclética” que impregnam as primeiras etapas do movimento operário. No segundo, a discussão é aprofundada a partir da análise de trajetória de lideranças de diferentes setores operários do estado de Pernambuco.

Como conclusão, o texto direciona-se para a percepção de que não é possível encontrar modelos isentos de “máculas” das sociedades em que se estabelece, reconhecendo que as ideologias não surgem como revelação, mas de reflexões falíveis, de modo que a pureza ideológica se aproxima mais de uma utopia do que um conceito concreto.

Se reconhece, assim, que a subjetividade impregna naturalmente as nossas concepções e formação quanto seres sociais e históricos inseridos num contexto cultural, temporal e espacial. Neste contexto, as reflexões sobre determinados fatos históricos, exauridos ou não de pesquisa, são susceptíveis a releituras quanto objetos de pesquisa, suportando novas reflexões que convergem na constante evolução social do ser humano.

Um exemplo é a análise histórica da transição do escravismo para o trabalho livre no Brasil, que, muitas vezes impregnada pelo ideal de trabalhador livre, acabava por não perceber que “o estalar do chicote escravista fora trocado pelo apito fabril” (MOURA, 2022a, p. 173), o que de certo modo também influenciava alguns teóricos que ao tratar de temas históricos, o faziam como fato bem delimitado no espaço-tempo.

A esse respeito, Eisenberg (1983, p. 55) expressou preocupação: “A problemática da transição da escravidão para o trabalho livre corre o risco, como vários outros temas na historiografia brasileira, de se tornar um chavão, uma questão fechada, com respostas padronizadas, que não se questionam mais”, prejudicando a percepção sobre a continuidade de um modelo ou regime. Assim, ratifica-se a importância de lançar novos olhares sobre aspectos que podem contribuir para uma melhor compreensão sobre os processos de transição entre períodos históricos ou modelos de organização social.

2.3. “VILAS OPERÁRIAS: SENZALAS DA EUGENIA EM PERNAMBUCO”

Este artigo foi publicado como capítulo no livro “Diálogos, Historicidade e Memórias” da Editora Libertas⁷, organizado em três tópicos: Proletário, o novo escravo do nascente mundo industrial; Recife, cidade eugênica; Vilas operárias, de refúgio do trabalhador à neosenzalas.

No primeiro tópico, trata-se a temática da transição do escravismo para o trabalho livre, evidenciando objetivamente as principais semelhanças entre os dois modelos de trabalho, não deixando escapar ao leitor os principais argumentos que sustentaram o discurso abolicionista, mas que promovia a continuidade do modelo de organização social e suas relações de poder, agora com preceitos capitalistas. Para tanto, explora-se os principais raciocínios que sustentaram a argumentação dos discursos das campanhas abolicionistas, de acordo com Eisenberg (1983): inferioridade do trabalho escravo, por motivos psicológicos; maior custo de supervisão do trabalho escravo, que exigia a presença constante de um supervisor; irracionalidade do trabalho escravo, inviabilizando a qualificação e o aperfeiçoamento do trabalho e, conseqüentemente, o progresso técnico.

⁷MELO, Andréa Cadena Bandeira de; MOURA, Joel Rodrigues de (org.). Diálogos, historicidade e memórias. Recife: Libertas, 2022.314p.

No segundo tópico, trata-se as transformações urbanísticas e mudanças sociais que ocorriam na cidade do Recife, que se apoiavam em preceitos higienistas, aqui a palavra higiene seria usada como eufemismo para a eugenia, que influenciou os modelos de organização e gestão da força de trabalho, como estabelecimento de diretrizes higienistas para a construção do desejado operário-padrão, “cuja formação precisava ser minuciosamente elaborada para que toda sua vida fosse estivesse orientada em função da fábrica” (GIOPPPO, 1996, p. 169), que é abordado no terceiro tópico.

Para além de abordar a influência dos preceitos higienistas na transição do trabalho escravo para o proletário, o terceiro tópico esmiuça a estratégia de controle do trabalhador por meio da criação de vilas operárias, as quais eram ofertadas como benefício ao trabalhador “livre”, aproveitando-se de suas condições (o que atualmente se define como vulnerabilidade social). Contudo, evidencia-se uma “irônica inversão de sua função, (as vilas operárias) funcionaria como um centro de debelação do operariado, e viraria então um dos primeiros palcos das queixas e reivindicações dos mesmos” (MOURA, 2022b, p. 84).

2.4. “ENTRE LINHAS E IDEIAS: ANÁLISE DO DISCURSO DO JORNAL DIÁRIO DO POVO”

Este artigo e último artigo escrito como resultado do projeto desenvolvido foi submetido à publicação na revista História Unicap⁸. O artigo trata-se de uma abordagem reflexiva sobre a análise do discurso no contexto da produção historiográfica, a partir de discussão acerca da importância da análise do discurso como ferramenta para a apreensão das relações de poder, estratégias ideológicas e discursos que se fazem presentes em contextos históricos particulares. Para tanto, de forma empírica, o texto abordado a análise do discurso de edições do jornal operário "Diário do Povo", que circulou em Recife entre 1921 e 1922, explorando as vozes e perspectivas que constroem a publicação.

O manuscrito, além da introdução e das considerações finais, foi dividido em tópicos: i) Análise do discurso - ler o que não é dito; ii) A imprensa na historiografia brasileira; iii) A imprensa operária em Pernambuco; iv) A ascensão da pena que escreve o diário – Joaquim

⁸Período semestral do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, voltada para a publicação e divulgação de trabalhos com comprovado rigor científico, que aceitando artigos inéditos de História e disciplinas afins, informes parciais de pesquisa em desenvolvimento, documentos inéditos, resenhas críticas e entrevistas (<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia>).

Pimenta na política pernambucana; v) Esmiuçando as páginas do Diário; vi) Tiros de pistolas, saraivadas de palavras; vi) e, Votos, discursos e carabinas.

No primeiro tópico, apresenta-se ao leitor a análise do discurso como método estruturado por quatro temas centrais, os quais são percorridos ao longo da seção, podendo ser recorrer a duas abordagens: macro-instância, que considera o ponto de início no qual situa-se o discurso analisado em toda sua conjuntura, buscando-se inferir como os aspectos históricos, ideológicos e sociais afetam o discurso; e, micro-instância, em que se interioriza uma formação discursiva, por meio dos recortes e sequências linguísticas-discursivas, ou ainda de enunciados. Sendo, portanto, uma ferramenta de interesse do meio historiográfico.

No segundo tópico, busca-se, brevemente, fazer uma abordagem da imprensa brasileira no contexto da historiografia, sendo a imprensa não apenas parte da historiografia, mas também objeto de estudo da própria, com destaque para os estudos de trajetória do movimento operário, para o qual a imprensa tornou-se uma ferramenta de luta ideológica. Ainda nesta temática, o terceiro tópico desenvolve a consolidação da imprensa operária em Pernambuco.

No quarto tópico desenvolve-se uma breve abordagem da história de vida de Joaquim Pimenta, fundador do jornal Diário do Povo, objeto de estudo deste presente trabalho, no que tange a própria história do movimento operário em Pernambuco.

Os tópicos seguintes, do quinto ao sétimo, esmiuçam a construção do periódico como instrumento do movimento operário, desenvolvendo-se episódios de disputa de poder, que evidenciam sua importância nos rumos políticos e sociais da classe trabalhadora, bem como dos personagens do movimento operário pernambucano, em destaque.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil, em 2021, 81% da população brasileira com 10 anos ou mais era usuária da rede mundial de computadores (Internet), ou seja, cerca de 148 milhões de brasileiros estão conectados em rede (BRASIL, 2023). Dentre outras diversas oportunidades que a internet oferece, ela é reconhecidamente uma importante categoria de fontes documentais para as pesquisas históricas, oferecendo recursos quase inesgotáveis para o trabalho do historiador, tornando-se ainda mais crucial a perspicácia e o olhar crítico e criterioso do pesquisador, adaptando os princípios básicos já consagrados da pesquisa historiográfica ao formato digital e às suas fontes (ALMEIDA, 2011).

Tomando o conceito de fontes históricas dado por Barros (2019, p. 9) como sendo “tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente”, propõe-se como produto do presente estudo o desenvolvimento de um *website*, construído intencionalmente como uma fonte histórica digital para o desenvolvimento futuro de novos projetos ou ainda como material de consulta bibliográfica na temática do movimento operário e da imprensa operária pernambucana. Desta forma, admite-se como público-alvo historiadores que tenham interesse na temática da imprensa e do movimento operário, mas, para além deste público, o *website* está completamente disponível em formato digital, utilizando-se de linguagem, estética e *layout* adaptados ao público jovem.

A proposição de um *website* como produto é de fácil justificação quando reconhecemo-nos como parte da chamada “sociedade da informação” (MASUDA, 1982) ou “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), caracterizada pela massiva utilização das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e pela grande dinâmica social das relações de consumo e inovação tecnológica através da rede mundial de computadores (internet), um reflexo da rápida progressão e mutação das relações sociais na sociedade pós-industrial. Desta forma, o *website* permite a exploração sensata e prudente dos recursos digitais pensados no processo de construção do conhecimento.

Reconhece-se aqui como principais críticas de historiadores às fontes históricas digitais a volatilidade ou instabilidade da documentação digital, abundância de informações e a possibilidade de falsificação de discursos, incluído plágios acadêmicos (CALDEIRA NETO, 2009; SILVEIRA, 2016; PRADO, 2021). Firmo e Santos (2021), ponderam que:

“a despeito dos numerosos empecilhos que incontestavelmente comprometem o êxito da sondagem dos dados oriundos de sites de busca e ferramentas de pesquisa on-line, é imprescindível para o historiador evitar, na medida do possível, o descarte precipitado desse tipo de conteúdo, tampouco deve ele cometer a imprudência de subestimar a sua relevância.”

Deste modo, o site apresenta temática específica e objetiva, disponibilizando acesso aos resultados gerado e a toda documentação, incluídos em nuvem com sistema de *backup* e restauração automática, visando mitigar ao máximo esses vieses, quanto fonte historiográfica e de conteúdo acadêmico, mantendo nos textos introdutórios linguagem mais interativa com leitor.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O *website* foi criado a partir da plataforma WordPress® 6.2.2, projeto de código aberto para gerenciamento de conteúdo para internet, e do tema Divi® 4.21, primando pela experiência do usuário. Assim o site foi construído com interface totalmente responsiva para atender às necessidades de todos os visitantes, independentemente do dispositivo que estejam usando (*mobile* ou *personal computer*).

A escolha da plataforma WordPress® se deu pela flexibilidade de gestão dos recursos baseado em linguagem PHP (*Hypertext Preprocessor*) com banco de dados MySQL (*Structured Query Language*), executado em um servidor interpretador, que suporta a criação de um *website* dinâmico, funcional e visualmente atraente. Combinado com o poderoso tema Divi®, que possui recursos avançados de design e personalização, buscou-se oferecer uma experiência única para cada usuário.

Além da responsividade, buscou-se garantir melhor velocidade de carregamento possível, utilizando-se de técnicas de otimização e as melhores práticas para garantir que o *website* seja de navegação rápido e eficiente. Não importa se você está usando uma conexão de alta velocidade ou se está em uma área com sinal de internet limitado, o *website* estará pronto para atender o usuário sem atrasos desnecessários.

O *website* ficará hospedado no domínio <http://www.insurreicaoimpressa.com.br>, tendo como título “Insurreição Imprensa” e como *slogan* “a imprensa operária como ferramenta do movimento operário pernambucano (1900-1930)”, inspirando a criação da logomarca do *website*, com ilustração do punho cerrado, que simboliza a resistência, força e união (SILVA, 2020) segurando um folhetim (Figura 2). A inclusão da palavra “insurreição” além de tornar a chamada mais atrativa, faz alusão à “Insurreição pernambucana” (1645-1654) e a “Revolução Pernambucana de 1817”, importantes fatos históricos que demonstram a posição aguerrida do povo pernambucano e compatível com a etimologia da palavra, que deriva do latim "*insurrectio, -onis*" e significa: se levantar contra (INSURREIÇÃO, 2023).

Figura 2 – Logomarca criada para o *website*. Destaque para o título e o slogan, com ilustração em alusão ao símbolo de resistência e luta de movimentos sociais (punho cerrado).



Fonte: o Autor.

O site está estruturado em sete seções, sendo uma página *Home* ou principal, com apresentação, chamada para seção resultados, explicações sobre a pesquisa e sobre o autor, créditos e link de contato; quatro páginas de resultados: i) Linha do Tempo; ii) Ideologia; iii) História; iv) e, Análise; uma página para “Acervos e Fontes”; e uma página para “Bibliografia”, que reúne todas referenciais bibliográficas utilizadas para desenvolvimento da pesquisa e das publicações.

Entre usuários de dispositivos *mobile* ou *personal computer*, basicamente, a diferença fica por conta do menu do site, o qual se apresenta em barra fixa ou “flutuante”, respectivamente (Figura 3). O menu “flutuante” aparece na parte superior do *website* quando se utiliza a rolagem da página (Figura 3B).

Figura 3 – Representação da visualização da página principal (*homepage*) do *website*. A) Página principal visualizada a partir de dispositivo tipo *personal computer* usando navegador Google Chrome®. B) Página principal exibindo menu “flutuante” na parte superior do *website*, acessado a partir do navegador Google Chrome®, após uso da barra de rolagem. C) Página principal visualizada a partir de dispositivo mobile utilizando navegador Google Chrome® em sistema Android®.



Fonte: o Autor.

4.1. PÁGINA PRINCIPAL (*HOME PAGE*)

Esta página refere-se ao primeiro contato do usuário que acessar o domínio do *website* (<http://www.insurreicaoimprensa.com.br>), que descreve uma breve apresentação do site:

“Neste espaço estão reunidas informações e textos que juntos formam um pequeno retrato dos anos iniciais do movimento operário em Pernambuco, no início do Século XX. São tratados temas como as vilas operárias, perfis ideológicos, a necessidade de organização social da classe trabalhadora, que papel a imprensa ocupava neste movimento e finalmente reflexões de como os periódicos podem servir como ferramenta de produção historiográfica. O maior objetivo deste *website* é que pela absorção dos conteúdos deste espaço virtual, se capture que o tema abordado é multidimensional e que os momentos históricos não acontecem isolados

uns dos outros, e sim que andam entrelaçados em diferentes espaços.” (INSURREIÇÃO IMPRESA, 2023a).

Seguida pela seção de Resultado onde são disponibilizados ícones para as publicações produzidas durante o desenvolvimento da pesquisa, além dos links diretos para as seções “Acervos e Fontes” e “Referências Bibliográficas” (Figura 4).

Figura 4—Representação da visualização da seção “Resultados” na página principal (*homepage*) do *website*, utilizando navegador Google Chrome® em dispositivo tipo *personal computer*.



Fonte: o Autor.

Em seguida, a pesquisa é apresentada ao usuário numa seção textual:

“SOBRE A PESQUISA

Este espaço é a culminação final das evoluções da pesquisa de Joel Rodrigues de Moura, então mestrando na Pós-graduação de Mestrando Profissional em História pela Universidade Católica de Pernambuco. A ideia inicial de sua empreitada era apresentar a trajetória da organização e formação política dos servidores do judiciário do estado de Pernambuco, meio ao qual o autor é um ativo membro.

Entretanto, à medida que Joel redescobria a produção historiográfica e renovava seus conceitos enquanto desfrutava das disciplinas do mestrado, fora iniciada uma nova ponderação em torno da viabilidade de seu projeto de pesquisa e seus objetivos, percebendo que devido às adversidades impostas pela pandemia mundial de COVID-19, uma mudança do eixo temático se fazia necessária. O autor se debruçou então em outro recorte correlato à temática inicial e decidiu estudar o movimento operário pernambucano durante as três primeiras décadas do Século XX.

Mesmo reconhecendo que a temática já havia e ainda é bastante explorada por outras pesquisas, seguiu adiante na proposta, trilhando o caminho filosófico de Bartz

(2014), que lembra que abordagens prévias de temas considerados “já demasiadamente debatidos” ainda se fazem necessárias, para o lançamento de outras perguntas e se conseguir novas perspectivas do que “não é mais novidade”. Numa jocosa colocação, o autor afirma que “quem se cansa é o historiador, as fontes permanecem do jeito estão!”.

Com o objeto de pesquisa delimitado, o autor iniciou a leitura e análise do material disponível prontamente na Internet e no Arquivo Público do Estado de Pernambuco. Essa imersão na pesquisa naturalmente levou a novas propostas e descobertas, culminando em frutuosas descobertas como, por exemplo, um exemplar da “Gazeta dos Operários”, jornal operário de 1890, dois tomos contendo a quase totalidade do jornal “Diário do Povo” (1921-1922) e exemplares da publicação classista “Tribuna do Povo” (1918-1919). Como resultado dessa interação com as fontes primárias e secundárias que lhe surgiam durante a pesquisa, o autor produziu quatro manuscritos distintos, cada um carregando uma pequena contribuição para a compreensão do surgimento e formação do movimento operário Pernambucano na aurora do Século XX.” (INSURREIÇÃO IMPRESA, 2023a)

A seção seguinte foi reservada para apresentação do autor, disponibilizando imagens, vídeo e texto:

“SOBRE O AUTOR
JOEL MOURA

Joel Rodrigues de Moura, natural de Recife-PE, é licenciado em Estudos Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1992), especialista em Direito Público (2015), em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (2017) e em Educação Especial e Inclusiva (2019). Atualmente é estudante do Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco (2021-2023). É servidor público do quadro efetivo de pessoal do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco (TJPE) no cargo de Oficial de Justiça, desde 1989.

Sua inclinação combativa pela luta dos direitos dos trabalhadores se fez presente desde seu primeiro contato com o meio trabalhista, e se faz notar pela escolha de seu objeto de estudo, que mistura a própria história do sindicalismo pernambucano com a história da imprensa operária. Foi honrado com a participação de quatro gestões do SINDJUD de 2002 a 2010, sendo duas delas na função de presidente. Segue ativamente na luta até os dias atuais.” (INSURREIÇÃO IMPRESA, 2023a)

No rodapé da página principal, estão disponibilizados ícones de créditos: autor, que direciona ao currículo do próprio na plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/9443721382829730>); design, Jota Bosco, que direciona ao *website* do profissional (<https://jotabosco.com.br/webdesign/>); e arte, David Pasquinel, que direciona o leitor ao perfil do profissional na plataforma Instagran® (https://www.instagram.com/david_ppfs/). O rodapé está fixado, de modo que todas as páginas do site exibem os ícones de créditos, além da marca da licença *Criative Commons*.

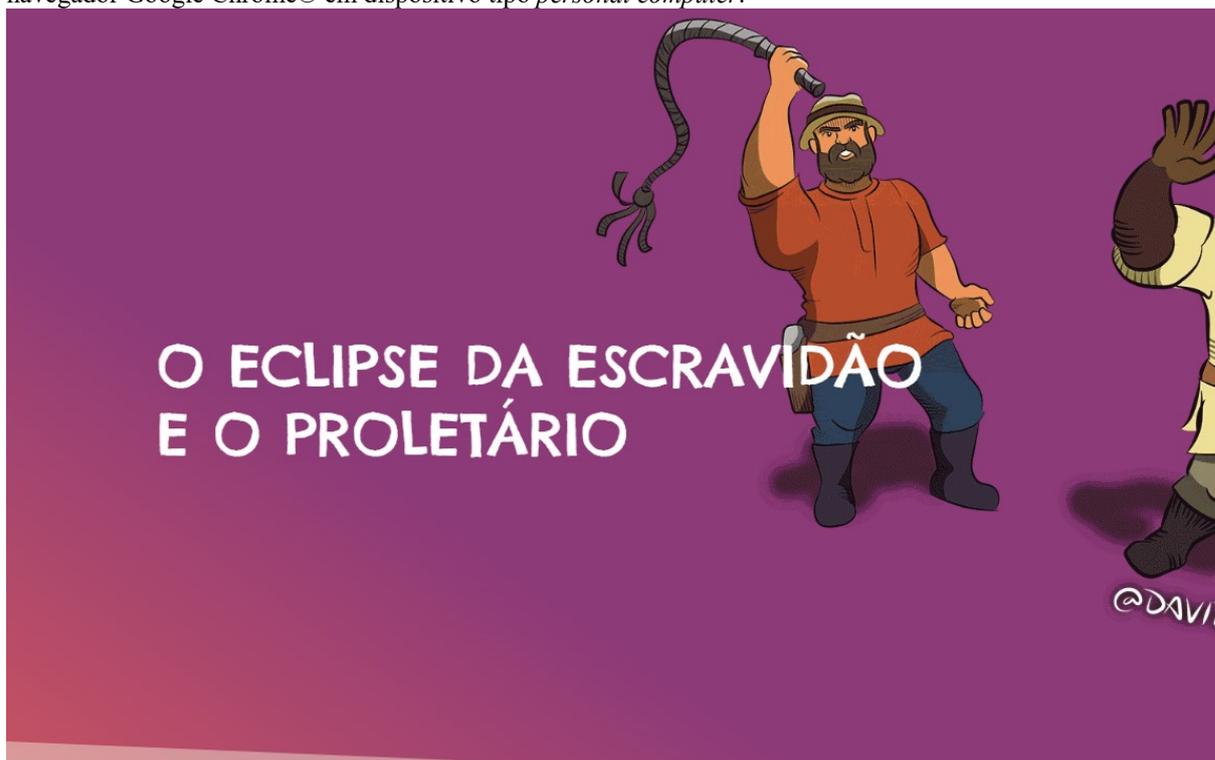
Esses elementos que constituem a página principal do *website* foram pensados para caracterizar o produto com marca acadêmica e profissional, visando dar segurança ao leitor sobre a criticidade da sua construção e desenvolvimento.

4.2. ESTRUTURAÇÃO DOS RESULTADOS

Conforme já relatado, a seção Resultados está estruturada em quatro páginas, buscando facilitar ao usuário o acesso às temáticas específicas abordadas na pesquisa. Na primeira página, intitulada “Linha do Tempo” (Figura 5), desenvolveu-se o texto “O eclipse da escravidão e o proletário” para apresentação do artigo “Vilas Operárias: senzalas da eugenia em Pernambuco”. O texto apresenta a transição do sistema escravista para o trabalho livre:

“Na virada do século XIX para o XX, a mão-de-obra escrava foi substituída pela assalariada e livre. No entanto, neste momento, a mentalidade e as práticas nas relações de trabalho escravistas estavam ainda muito vivas, de modo que, neste momento inicial, o trabalhador livre era nada mais que um escravo atualizado para o mundo industrial moderno.” (INSURREIÇÃO IMPRESA, 2023b)

Figura 5–Representação da página “Linha do Tempo”, disponível na seção “Resultados” do *website*, utilizando navegador Google Chrome® em dispositivo tipo *personal computer*.



Fonte: o Autor.

Essa transição também é representada na animação da ilustração da página, de modo que o capataz e os escravos são modificados para a ilustração do encarregado fabril e dos operários, sob um mesmo tratamento desumano e desigual de relações de poder, idênticos no sistema escravista e do proletariado (Figura 6).

Figura 6—Representação da transição da ilustração da página “Linha do Tempo”, disponível na seção “Resultados” do *website*, representando a transição do modelo escravista para o proletariado, utilizando navegador Google Chrome® em dispositivo tipo *personal computer*.



Fonte: o Autor.

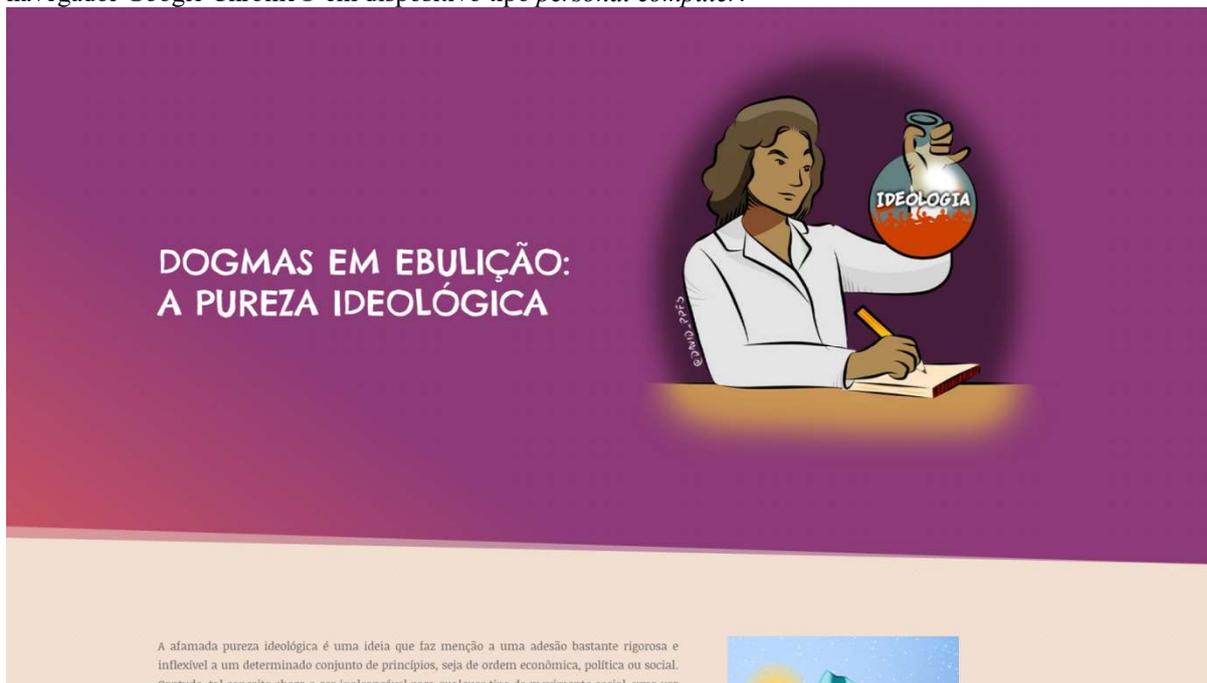
Na segunda página, “Ideologia” (Figura 7), o texto “Dogmas em ebulição: a pureza ideológica” introduz o artigo “A Quimera Ideológica: reflexões sobre a pureza ideológica na gênese dos movimentos operários em Pernambuco”:

“A afamada pureza ideológica é uma ideia que faz menção a uma adesão bastante rigorosa e inflexível a um determinado conjunto de princípios, seja de ordem econômica, política ou social. Contudo, tal conceito chega a ser inalcançável para qualquer tipo de movimento social, uma vez que as ideologias estão presentes dentro dos contextos de sociedades complexas, as quais por si só são palco de um grande número de opiniões e perspectivas sobre qualquer assunto.” (INSURREIÇÃO IMPRESA, 2023c).

Na página “História” (Figura 8), o artigo “Aposenta teu grilhão, patrão: o movimento sindical na imprensa pernambucana (1900 – 1930)” é introduzido pelo texto “Prensa dos oprimidos”. O texto faz uma breve abordagem sobre a temática da instrumentalização da imprensa em prol do movimento operário, com intuito de estimular o leitor a se debruçar sobre o artigo publicado pelo autor:

“No início do século XX, Pernambuco era palco de ferozes lutas políticas e do surgimento de movimentos sociais classistas. Dentre estes movimentos destacamos os sindicatos de trabalhadores e as agremiações políticas de caráter progressista, que lutavam principalmente pela defesa dos direitos da nova classe social que se instalava na sociedade brasileira: os operários. Foi neste cenário em que surgiu a imprensa operária pernambucana, ferramenta inestimável na luta ideológica pelos direitos dos trabalhadores pernambucanos.” (INSURREIÇÃO IMPRESA, 2023d).

Figura 7—Representação da página “Ideologia”, disponível na seção “Resultados” do *website*, utilizando navegador Google Chrome® em dispositivo tipo *personal computer*.



Fonte: o Autor.

Figura 8—Representação da página “História”, disponível na seção “Resultados” do *website*, utilizando navegador Google Chrome® em dispositivo tipo *personal computer*.



Fonte: o Autor.

Na quarta página, denominada “Análise” (Figura 9), em referência a abordagem metodológica utilizada para análise do jornal operário Diário do Povo, discorre o texto “Semântica da Luta” sobre o artigo “Entre linhas e ideias: análise do discurso do jornal Diário do Povo” (Apêndice A), o qual será submetido à Revista de História da UNICAP, visando sua publicação.

Figura 9–Representação da página “Análise”, disponível na seção “Resultados” do *website*, utilizando navegador Google Chrome® em dispositivo tipo *personal computer*.



Fonte: o Autor.

Todas as páginas de resultados dispõem de link para acesso às publicações realizadas através de livros, revistas ou anais de eventos disponíveis de forma virtual (*online*).

4.3. PÁGINA ACERVOS E FONTES

A seção foi criada reconhecendo a importância e o potencial de um dos principais produtos da pesquisa, a digitalização dos tomos do Diário do Povo, o qual agora poderá ser acessado virtualmente por qualquer usuário que tenha interesse de utilizá-lo para pesquisas diversas ou mesmo como fonte histórica, e ainda poderá ser acessada a primeira edição da Gazeta dos Operários de 1890:

“Prezado leitor,

através deste formulário você terá acesso às amareladas páginas do Jornal Diário do Povo (1921-1922) e à primeira edição do periódico Gazeta dos Operários (1890), utilizadas para o embasamento da pesquisa utilizada para construção deste *website*. As informações coletadas contribuirão para verificar o alcance da nossa pesquisa e motivar sua atualização periódica.” (INSURREIÇÃO IMPRESA, 2023b)

Para tanto, o usuário precisará apenas preencher um breve formulário, contendo campos de Nome, e-mail, três perguntas objetivas sobre formação acadêmica, edições de interesse e finalidade de acesso (Figura 10)

Figura 10–Representação do formulário para acesso aos tomos digitalizados do Diário do Povo (1921-1922) e da primeira edição da Gazeta Operária (1890), disponível na seção “Acervos e Fontes” do *website*, utilizando navegador Google Chrome® em dispositivo tipo *personal computer*.

The image shows a web browser interface for the 'INSURREIÇÃO IMPRESA' website. At the top left is the logo featuring a hand holding a pen. To the right of the logo are navigation links: LINHA DO TEMPO, IDEOLOGIA, HISTÓRIA, ANÁLISE, and ACERVO E FONTES. The main content area is a registration form with a light beige background. It contains two input fields for 'Nome' and 'E-mail'. Below these are three sections of questions, each with radio button options:

- Você é estudante? Qual área de conhecimento?**
 - Não sou estudante
 - Sim, de graduação na área das Ciências Sociais
 - Sim, de pós-graduação na área das Ciências Sociais
 - Sou estudante (graduação ou pós-graduação) de outras áreas do conhecimento
- Quais edições você tem interesse?**
 - Diário do Povo - Edições do ano de 1921
 - Diário do Povo - Edições do ano de 1922
 - Gazeta dos Operários
- Qual a finalidade do acesso?**
 - Apenas leitura, tenho interesse
 - Pesquisa de graduação (TCC, Iniciação científica, etc.)
 - Pesquisa de pós-graduação (Especialização, Mestrado ou Doutorado)

Fonte: o Autor.

Após o preenchimento de todas as informações, o usuário deverá solicitar acesso, sendo imediatamente será apresentada uma mensagem de agradecimento pelo interesse e acesso além dos links para acesso dos arquivos, os quais estão em nuvem (*cloud*) e podem ser descarregados no dispositivo próprio do usuário. Estas informações permitirão acompanhar o alcance e potencial impacto da pesquisa desenvolvida, podendo, futuramente, embasar o desenvolvimento de novas abordagens ou de novas pesquisas.

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

Como já mencionado, o *website* foi criado pensando em se tornar uma fonte histórica e fonte bibliográfica de referência e consulta, em especial, para estudantes das ciências sociais, mas também, para qualquer usuário que tenha interesse na temática do projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do mestrado profissional em História. Por esse motivo, o *website* foi estruturado com diversos recursos que o torne mais intuitivo e funcional.

Assim, a concepção norteadora para o desenvolvimento do produto foi a reflexão proposta por Rodrigues e Rockembach (2021):

“Qual é a memória digital que preservamos agora para futuros usuários e suas respectivas pesquisas? Os artefatos preservados são o que nos permitem (re)construir ou (re)criar a memória, seja ela individual, coletiva ou organizacional. O que fazemos hoje em termos de preservação digital impactará nas fontes de pesquisa que estarão disponíveis e, em uma sociedade que produz crescentes volumes de informação, em múltiplas plataformas, o desafio é constante. Este desafio não se configura somente em termos tecnológicos, mas também nas possibilidades de uso retrospectivo dos conteúdos digitais.” (RODRIGUES; ROCKEMBACH, 2021, p. 1).

Desta forma, a proposta é de o *website* operar como um depósito público dos frutos das pesquisas acadêmicas do autor. Entusiastas, estudantes e historiadores profissionais têm livre acesso aos artigos e arquivos disponíveis no espaço, de modo que enriqueçam suas próprias pesquisas.

Por este motivo, o site e todo material disponível nele, dispõe de licença do tipo *Creative Commom* do tipo CC-BY-NC-AS 4.0 (*Attribution-NonCommercial-ShareAlike4.0 International*), que permite que os usuários possam compartilhar e adaptar o material, desde que não deixe de dar crédito ao autor, não faça uso comercial e compartilhe o material produzido sob a mesma licença (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>).

Além disso, espera-se que o site também possa ser utilizado por educadores e estudantes como um recurso didático para facilitação do ensino e da aprendizagem sobre os temas abordados, de modo que, a depender, do nível escolar os artigos disponibilizados possam ser utilizados como base para aulas e atividades diversas. A internet é reconhecida com uma poderosa ferramenta didática desde o início da década de 2000, contudo, passou a ser mais explorada como objeto de estudo na área educacional a partir da década seguinte, 2010.

De fatos, alguns autores, já sinalizavam que o uso da internet lançaria novos paradigmas à educação, trazendo desafios ao mesmo tempo em que ofertaria oportunidades de inovação no ensino e aprendizagem. Por exemplo, Moran (1997) já afirmava que:

“A Internet é uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta, se o professor a faz em um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor, de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, competência e simpatia com que atua.” (MORAN, 1997, p. 149).

Para Cebrián (1999), o uso da internet, por si, representa um processo de construção do conhecimento, uma vez que esta tecnologia está em constante desenvolvimento, retroalimentado pelos usuários que se mantêm em constante interatividade, interconectividade e mobilidade, imputando à escola um papel importante na preparação dos estudantes para o mundo globalizado e interconectado através da internet, o que o autor refere-se como sala de aula sem muros.

Já no campo social, de lutas e de mobilização, espera-se que o *website* possa fornecer recursos para contribuir com o processo de conscientização sobre o importante papel que a imprensa e o movimento operário tiveram para a história pernambucana, contribuindo com a preservação da memória coletiva para tanto a geração atual como futuras. Por fim, reitera-se que os exemplares do Diário do Povo e Gazeta dos Operários disponibilizados em Acervos e Fontes possam ser amplamente utilizados no desenvolvimento de novas pesquisas no campo das Ciências Sociais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relatório técnico apresentado é parte da culminação de um longo processo de transformação e ressignificação acadêmica, que, após a superação de vários impasses e obstáculos, frutificou com uma contribuição para o entendimento da história social de Pernambuco. A empreitada que se iniciou com a humilde ideia de relatar a formação de um sindicato se transformou em uma plataforma moderna de conhecimento histórico, condizente com a necessidade da adaptabilidade das ciências humanas frente a um mundo cada vez mais ligado a Internet.

A sensível decisão de mudança temática permitiu que fosse possível se atentar que não existem temas já demasiadamente debatidos, enquanto ainda existirem perguntas a serem feitas. A adoção do espaço virtual como meio de divulgação da pesquisa é um grande trunfo, pois aumenta sensivelmente a capilaridade da divulgação dos resultados, que estando diretamente disponível para o público geral, transcende os antigos acervos e gabinetes, e torna a pesquisa histórica palatável, apresentando diretamente uma das várias respostas possíveis ao questionamento “para que serve a História”.

O desenvolvimento dos quatro artigos distintos e do produto final exigiu uma pesquisa transdisciplinar e uma completa reciclagem acadêmica por parte do autor. A análise crítica das fontes permitiu identificar determinados padrões, as incongruências e algumas das forças motrizes por trás das dinâmicas sociais do movimento sociopolítico operário do período abarcado. Os artigos, muito além de meros exercícios acadêmicos, também figuram como chances de se pôr assuntos amplamente discutidos em novas perspectivas, que podem inclusive, servirem como marco zero para outras pesquisas.

A inclusão de fontes primárias no produto final é um ponto de distinção do produto – a reprodução de documentos autênticos, nunca antes disponibilizados de forma digital, oferece ao grande público uma oportunidade de captar a visão de algumas pequenas janelas para o passado, numa experiência de caráter sensorial – o usuário pode ler o jornal diretamente, e não ler o que alguém falou sobre ele. Por consequência lógica, a digitalização dos documentos também contribui para a sua preservação para gerações futuras.

Para o futuro, o *website* tem potencial de continuar crescendo e evoluindo, mantendo seu conteúdo atualizado à medida que novos estudos lhe são acrescentados. Vindouras expansões podem enriquecer ainda mais a plataforma como conceito e depositário, aumentando assim a relevância do formato para profissionais e o público em geral.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

- Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional
- Acervo Público de Pernambuco
- Jornal Diário do Povo
- Jornal A Hora Social
- Jornal A Tribuna do Povo

8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA FILHO, Antônio José de. *The Historical research: theory, methodology and historiography*. História da Enfermagem Revista eletrônica, v. 7, n. 2, p. 381-2, 2016.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Revista Aedos, v. 3, n. 8, 2011.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos. Editora Vozes, 2019.

BARTZ, Frederico Duarte. Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922. 2014.

_____. Reformistas e revolucionários: as lutas internas do movimento operário pernambucano e a formação do Grupo Comunista de Recife (1917-1922). In: OLIVEIRA, TB., org. Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 113-140, 2015.

BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2021. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121125504/tic_domicilios_2021_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 7 mai. 2023.

CALDEIRA NETO, Odilon. Breves reflexões sobre o uso da internet em pesquisas historiográficas. Revista Eletrônica do Boletim do TEMPO, Rio de Janeiro, ano 4, n. 20, 2009.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 2ed., 1999.

CEBRIÁN, Juan Luis. A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. Tradução de Lauro Machado Coelho. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

COSTA, Emília Viotti da. A nova face do movimento operário na Primeira República. Revista Brasileira de História, v. 2, n. 4, p. 217-232, 1982.

EISENBERG, Peter L. Escravo e proletário na história do Brasil. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 13, n. 1, p. 55-69, 1983.

FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil 1880-1920. Petrópolis: Vozes, 1978.

GIOPPO, Christiane. Eugenia: a higiene como estratégia de segregação. Educar em Revista, n. 12, p. 167-180, 1996.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. *Campos-Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1, p. 9-29, 2011.

INSURREIÇÃO. *In: DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 27/05/2023.

MARQUES, Carlos. A Imprensa Libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do Século XX. *Antíteses*, v. 5, n. 10, p. 855-864, 2012.

MARTINS, Angela Maria Roberti. Palavras e imagens que fazem sonhar: imprensa libertária e representações da revolução social (A plebe–1919). *Revista Maracanan*, v. 3, n. 3, p. 57-72, 2007.

MASUDA, Y. A sociedade da informação como sociedade pós-industrial. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1982.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a Internet na educação. *Ciência da informação*, v. 26, p. 146-153, 1997.

MOURA, Joel Rodrigues de. Aposenta teu grilhão, patrão: o movimento sindical na imprensa pernambucana (1900-1930). *In: Anais do XV Colóquio de História da UNICAP e V Colóquio de História do PPGH*, p. 615-630, 2021.

_____. A quimera ideológica: Reflexões sobre a pureza ideológica na gênese dos movimentos operários em Pernambuco. *In: GUILHERME, Willian Douglas; FREITAS, Patrícia Gonçalves de; MELLO, Roger Goulart (org). Memória em diálogo: Variantes da história, política e cultura do Brasil*, v.2. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2022a.

_____. Vilas operárias: senzalas da eugenia em Pernambuco. *In: MELO, Andréa Cadena Bandeira de; MOURA, Joel Rodrigues de (org.)*. Diálogos, historicidade e memórias. Recife: Libertas, 2022b.

_____. Principal. *Insurreição Impressa*, 2023a. Disponível em: <http://www.insurreicaoimpressa.com.br>. Acesso em: 20/06/2023.

_____. O eclipse da Escravidão e o Proletário. *Insurreição Impressa*, 2023b. Disponível em: <http://www.insurreicaoimpressa.com.br/o-eclipse-da-escravidao-e-o-proletario>. Acesso em: 20/06/2023.

_____. Prensa dos Oprimidos. *Insurreição Impressa*, 2023c. Disponível em: <http://www.insurreicaoimpressa.com.br/prensa-dos-oprimidos>. Acesso em: 20/06/2023.

_____. Acervos & fontes. *Insurreição Impressa*, 2023d. Disponível em: <http://www.insurreicaoimpressa.com.br/acervos-e-fontes>. Acesso em: 20/06/2023.

PEREIRA, Astrojildo. A imprensa operária no Brasil. *Revista Novos Rumos*, n. 18/19, p. 82-88, 2012.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Tempo e Argumento, Florianópolis*, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021.

REZENDE, Antonio Paulo. História do movimento operário no Brasil. Editora Ática: São Paulo, 1994.

RODRIGUES, Vander Luis Duarte; ROCKEMBACH, Moisés. Arquivos da web como fonte historiográfica. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 19, n. 00, p. e021010, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8663680>. Acesso em: 21/11/2023.

SANTOS, Paula Leboso Alemparte Abrantes dos. O Jornal como instrumento de politização de propaganda política e de organização: a imprensa operária na primeira fase da industrialização brasileira. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Jornalismo)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Rubens Rangel. A mão como símbolo político nas artes gráficas e visuais. Revista Ícone, v. 18, n. 1, p. 41-65, 2020.

SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. Antíteses, v. 9, n. 17, p. 270-296, 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA DIANNA, Eduardo Matheus de. O movimento operário na Primeira República, debates, considerações e contribuições. Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 10, n. 20, p. 16-37, 2016.

APÊNDICE A

Artigo submetido à Revista História Unicap (e-ISSN 2359-2370)

Acesso ao periódico: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/about>

ENTRE LINHAS E IDEIAS: ANÁLISE DO DISCURSO DO JORNAL “DIÁRIO DO POVO”

BETWEEN LINES AND IDEAS: DISCOURSE ANALYSIS OF THE NEWSPAPER “DIÁRIO DO POVO”

RESUMO

A presente obra é uma abordagem reflexiva sobre a análise do discurso no contexto da produção historiográfica. Será discutida a importância da análise do discurso como ferramenta para a apreensão das relações de poder, estratégias ideológicas e discursos que se fazem presentes em contextos históricos particulares. Para ilustrar de forma empírica o que é abordado no texto, segue-se uma análise do discurso de edições do periódico operário "Diário do Povo", que circulou em Recife entre 1921 e 1922, explorando as vozes e perspectivas que constroem a publicação.

Palavras-chave: análise do discurso, grupos sociais, imprensa operária

ABSTRACT

The present work is a reflective approach about discourse analysis in the context of historiographical production. The perception of discourse analysis is invaluable for apprehending the power relations, ideological strategies and discourses that are present in specific historical contexts. To empirically illustrate what is discussed in the text, a discourse analysis of editions the worker's newspaper "Diário do Povo", which circulated in Recife between 1921 and 1922, exploring the voices and perspectives that builds the publication.

Keywords: discourse analysis, social groups, workers press

INTRODUÇÃO

A comunicação faz parte da experiência humana desde seus primórdios como seres sociais. As grandes transformações da espécie sempre foram acompanhadas de novas formas de difundir ideias. Gravuras em paredes de cavernas, tabuletas de pedra talhadas com palavras, manuscritos lidos em meio a ágoras, todos são sintomas disto. No decorrer destas transformações, cada nova geração de pessoas se atentava à importância da comunicação dentro das sociedades, empreendendo formas inéditas de comunicação até os dias atuais.

O objeto de estudo do presente trabalho é uma dessas formas de comunicação. Em específico, um veículo de comunicação coletiva – o jornal. Em sua missão de comunicação em massa, o jornal retrata acontecimentos habituais da vida em sociedade de várias formas, transpassando ideologias, sociopolítica, cultura, conflitos internos e uma vasta miríade de outras coisas pertinentes à vida humana e, portanto, uma fonte historiográfica riquíssima capaz de caracterizar uma dada sociedade em um momento histórico específico (KRENISKI e AGUIAR, 2011; CARNEIRO e CHAVES, 2014; OLIVEIRA, 2016). Dito isto, fica evidente que para a produção historiográfica os jornais figuram como valiosa fonte de estudos. Neste contexto, o presente trabalho nasce a partir da análise de conteúdo do periódico “Diário do Povo”, publicação de cunho político, da chamada imprensa operária, que circulou em Recife entre setembro de 1921 e agosto de 1922.

A historiografia baseada no estudo de periódicos deve munir-se de determinadas precauções ao lidar com suas fontes. Além das letras, os jornais são imbuídos de ideologia de classe daqueles que os produzem, e isto pode acabar por inadvertidamente ou convenientemente camuflar características da realidade social na qual as publicações são escritas. É do interesse do historiador nunca desconsiderar este aspecto de pessoalismo (CAMPOS, 2012; ESSENFELDER, 2017; SILVA e COELHO, 2017).

Pode-se encontrar a neutralidade na natureza, mas não em páginas de jornal. A partir deste pressuposto, para além de uma divagação metodológica, o presente estudo propõe a análise do discurso em alguns pontos da trajetória do Diário do Povo. Carregados de simbolismo, os recortes das amareladas páginas do antigo jornal representam a proposição de novas abordagens sobre o material posto em exame.

ANÁLISE DO DISCURSO - LER O QUE NÃO É DITO

Na definição de Bauer e Gaskell (2017), dá-se o nome de “Análise do discurso” a toda uma variedade de diferentes enfoques aplicados no estudo de fontes escritas, desenvolvidos a partir de diferentes práticas e tradições teóricas, e tratamentos que variam de acordo com seus utilizadores e temas trabalhados. Para Fernandes (2005), objetivamente, a prática da análise do discurso se manifesta num movimento metodológico resultante da mistura entre o teórico e o interpretativo. Dito isto, percebe-se que não existe um modelo definitivo do que figura a análise do discurso.

Ainda na linha de Bauer e Gaskell (2017), por mais que a aplicação metódica varie, todos esses estudos convergem em concordância para o objetivo de negar que a linguagem nada mais é que um meio neutro de comunicar-se ou descrever o mundo ao seu redor. Há uma convicção sobre a importância do discurso como parte da construção da vida em sociedade. A partir daqui, propõe-se, para o desenvolvimento do presente tópico, uma modesta, mas objetiva, resenha da análise do discurso como metodologia a partir da visão destes autores.

O crescimento relativamente rápido do interesse do meio historiográfico pela análise do discurso é a materialização de uma espécie de “virada linguística” decorrente da crítica ao modelo positivista, sugerindo novos objetos de estudo, novos enfoques e novas questões (GEARY, 2000; LUZ e CARVALHO, 2021). Para que um determinado enfoque possa ser classificado como discurso analítico, há de se dizer algo além do que as fontes nos revelam. Não é só uma mera questão descritiva; implica em encontrar e assumir uma posição dentro de um conjunto de argumentação.

É interessante tomar a análise do discurso como metodologia estruturada por quatro temas centrais, dos quais o primeiro deles é a preocupação com o discurso nele próprio, numa visão linguística tanto construtiva como construída – o discurso é focado como uma forma de agir e ele está imbuído de convicção retórica. O segundo enfoque é na linguagem construtiva, afirmando que o discurso é sempre construído tendo como base recursos linguísticos que lhe precedem, baseados no contexto inserido. A montagem se dá centro de um conjunto de escolhas que consideram diferentes possibilidades.

O terceiro enfoque é a preocupação com a “orientação da ação” ou ainda a “orientação da função” do discurso. Ou seja, os discursos devem ser vistos como práticas sociais. A linguagem não acontece ao acaso – por si só ela já é uma prática. Os discursos são construídos para reverberar em ação – discursos fazem coisas como tecer críticas, para se apresentar fatos

do interesse de seus interlocutores, para se denunciar alguém ou algo. Quando adicionamos esse grifo, colocamos em evidência o fato de que o discurso não está alienado da sociedade onde ele transita. Até mesmo os analistas de discurso contemporâneos, como atores sociais nos guiam pelo fluxo contínuo do contexto interpretativo em que nos localizamos e baseamos a construção de nosso discurso com base nesse meio em que nos encontramos.

Ações e funções não devem ser imaginadas em meros termos de cognição, relacionados às intenções de alguém, pois podem muito bem serem de ordem global ou ideológica, onde seria mais proveitoso as pensar como práticas culturais. Na análise do discurso todas as falas são circunstanciais, e cabe ao analista considerar ao mesmo tempo discurso e contexto.

O quarto enfoque é que a análise do discurso lida com os textos organizados retoricamente: deve-se enxergar a vida social como uma composição de vários tipos de conflito, de tal forma que uma parcela considerável do esforço empreendido no discurso é aplicada em firmar uma visão de mundo perante outras demais conflitantes. Quando nos atentamos à natureza retórica dos discursos, direcionamos nossa atenção para as formas como todo discurso é feito para persuadir alguém.

Talvez seja mais fácil se discutir os temas levantados na análise do discurso do que de fato explicar, de forma concreta e definitiva, como conduzir uma análise de um discurso, pois acima de tudo é uma prática empírica e particular. Não é do interesse do analista do discurso enxergar seus objetos de estudo como chaves que vão abrir portas ocultas para verdades além dos textos: o interesse é o texto em si, posto sob perguntas diferentes as quais ele se propõe a responder.

O ponto de partida para a análise do discurso é a suspensão do que é tido como algo dado, não muito diferente da técnica antropológica de “tornar o familiar estranho”. Para tal, precisamos mudar a forma como a linguagem é enxergada, de modo que possamos focar na construção, organização e funções do que é dito, e não buscando “a essência” do que é dito.

Quanto aos procedimentos metodológicos da análise do discurso, pode-se recorrer a duas abordagens: uma macro-instância, ponto de início do qual situa-se o discurso em análise em toda sua conjuntura, buscando entender em que condições fora produzido, ou seja, seus aspectos históricos, ideológicos e sociais que afetam a forma como o discurso é elaborado. E o lugar dos sujeitos inseridos na história, a situação e os sentidos que esse conjunto afere. Existe também a micro-instância, em que se interioriza uma formação discursiva, entende-se suas regularidades, acontece a análise por meio dos recortes e sequências linguísticas-

discursivas, ou ainda de enunciados; tenta-se aqui captar a polifonia, a multitude de elementos.

Retomando o prisma de Fernandes (2005), essas duas instâncias não devem ser separadas, e nenhuma precisa ser preterida pela outra, pois ao observar com a materialidade linguística percebe-se um “vai e volta” orgânico do objeto em nossas vistas, perante sua aparência histórica, ideológica e social, onde os discursos se transformam e se desdobram. Na análise do discurso também se faz necessário levar em consideração dois conceitos, o de recorte, e o de trajeto temático. O recorte nada mais é que uma seleção de “amostras” de um “organismo maior”. Quando se preza pela objetividade das metas a se alcançar com uma determinada fonte, o analista do discurso precisa selecionar partes menores de seu objeto de estudo, baseando sua escolha em relações semânticas, e/ou atendendo critérios de delimitação de seu material.

O trajeto temático aciona a memória discursiva, trabalhando com os deslocamentos e possíveis efeitos de sentidos nos enunciados e temas das fontes perante seus deslocamentos e mudanças sócio-históricas, e também a inscrição dos agentes históricos em diferentes formações discursivas. Entendido como uma ferramenta metodológica, permite um exame da construção e as mutações dos sujeitos e dos discursos.

Ao analisar um discurso deve-se renunciar às próprias conjecturas e às formas de como costumeiramente afere-se sentido às coisas. A palavra de ordem é ceticismo. Abster-se de exercitar de convicções pré-concebidas ao tratar com os textos, permite levantar questionamentos como “afinal, por que leio desta forma?” ou “como o texto procura me convencer a acreditar no que ele me reproduz?”, por exemplo. Mergulhar no material de estudo, mas sem deixar que o mesmo nos “pegue pela mão” em suas linhas. O analista que deve conduzir a conversa.

Também é fundamental na análise do discurso ser sensível àquilo que não é dito. Aos analistas o silêncio pode revelar fatos ruidosos. Isto depende de uma consciência avançada das tendências e contextos sociopolíticos da fonte sob análise. Há de, contudo, se levar em consideração que, ao compreender e discutir o contexto, o analista do discurso não está revelando o oculto, e sim produzindo uma versão de seu objeto baseada em sua ótica, construída, orientada e objetivada tanto quanto seu objeto de estudo.

A IMPRENSA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Até a década de 1970, a quantidade de obras que tinham como objeto de estudo jornais e revistas ainda era relativamente pequena. A importância histórica dos impressos era reconhecida, mas existia certa relutância em relação a utilizá-los como instrumento de produção historiográfica (LUCA, 2005).

A historiografia ainda ostentava as vestes da antiga tradição que dominara o meio acadêmico entre o Século XIX e início do Século XX, que pregava que a História era nada menos que a busca pela verdade dos fatos tal qual ocorreram, e que os periódicos não eram ferramentas adequadas para tal, pois eram maculados pela subjetividade, parcialidade e a credibilidade das informações contidas eram sempre questionadas, sendo apenas meras “enciclopédias do passado” (LUCA, 2005).

A prática historiográfica receberia um ânimo renovado nas últimas décadas do Século XX. Na França a terceira geração da escola dos *Analles* realizaria movimentações que, sem desacreditar as questões de ordem estrutural ou o estudo da natureza econômica e geográfica, propunham novos objetos, problemas e abordagens. A preocupação principal deste processo de abertura do espectro do campo de estudo dos historiadores foi com a renovação temática, perceptível pelos nomes os quais os novos estudos recebiam, que abordavam objetos como mitologias locais, a infância, o cotidiano de uma comunidade, as percepções sobre o corpo, tradições culinárias, enfim, objetos que antes eram negligenciados pela prática historiográfica (LUCA, 2005).

O estatuto da imprensa no meio historiográfico brasileiro sofreu mudanças fundamentais na década de 1970, onde além da história da imprensa ou por meio desta, o próprio jornal virou objeto de estudo. Destacamos um excerto da obra *O bravo Matutino* de Capelato e Prado afirmam que naquele dado momento até então “os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises” (CAPELATO e PRADO, 1980, p. 19).

A trajetória do movimento operário brasileiro gozou de grande prestígio no período entre 1970 e 1990, tendo a imprensa como sua principal fonte de estudo. A imprensa operária em sua maciça maioria dos casos não era feita por profissionais do jornalismo, e sim por “pessoas da causa”, militantes que muitas vezes imprimiam seus periódicos à duras penas em pequenas oficinas custeadas por esforço coletivo dos trabalhadores ou simplesmente os

manufaturavam as escondidas, usando clandestinamente o maquinário dos patrões (MACIEL, 2008).

Nestes jornais pode-se capturar fragmentos de como se davam as associações dos trabalhadores, quais correntes ideológicas professavam, quais os obstáculos os movimentos locais enfrentavam (tanto externos quanto internos), a relação dos operários com os patrões, como a sociedade e o estado reagiam as sublevações dos proletários exigindo condições de trabalho mais dignas, as condições da vida cotidiana dos trabalhadores e a própria forma como os movimentos se apoderavam da imprensa para usá-la como ferramenta de luta ideológica.

A IMPRENSA OPERÁRIA EM PERNAMBUCO

Estabelecendo como marco inicial o processo de industrialização da Europa, comparativamente, o Brasil iniciou tardiamente o processo de industrialização. Ao mesmo tempo em que nos países pioneiros já se transcorriam desdobramentos significativos de novas etapas da Revolução Industrial, no Brasil a transição da adoção da força de trabalho escrava e a adoção de mão de obra assalariada e livre acontecia a tímidos passos. Se por um lado o escravismo se demorava em cair em desuso, por outro a politização da nova classe trabalhadora não ocorreria na mesma marcha, o que pode ser evidenciado com a criação de jornais operários, principais fontes de informação sobre as movimentações sociopolíticas dos primeiros movimentos operários do país (SANTOS, 2008).

O surgimento da imprensa operária não se deu de forma isolada, fechada dentro de seus próprios grupos sociais. Vários são os momentos em que não é necessariamente o trabalhador fabril o produtor dos jornais operários, em especial durante as fases iniciais da mobilização. Neste momento grupos intelectuais simpáticos ao movimento se apossam das narrativas jornalísticas, particularmente aquelas de cunho político. A principal função da imprensa operária era denunciar as dificuldades enfrentadas por esta nova classe social que se formava dentro de uma sociedade imobilizada por séculos de comando de grupos sociais e econômicos oligárquicos que tentavam colher para si os melhores frutos da nova era capitalista que desabrochava (SANTOS, 2008).

A “largada tardia” da industrialização brasileira foi fundamental no processo de criação de identidade e na mobilização da classe operária. Enquanto em nações pioneiras o desenvolvimento da “experiência operária” se deu aos mesmos passos que a sociedade

capitalista se desdobra, no Brasil isso só viria a acontecer durante o Imperialismo, onde o sistema econômico, baseado na livre concorrência, era liderado por grupos de elites financeiras (SANTOS, 2008).

O desenvolvimento e amadurecimento da indústria nacional transcorreria com a experiência proletária já formulada na Europa, que, inadvertidamente exportaria ao Brasil uma miríade de ideais operários plenamente desenvolvidos, devido a política eugenista de branqueamento populacional do Brasil Imperial (e não interrompida na república) que desejava tornar o país numa “nação branca”, facilitando a entrada de imigrantes europeus. A contragosto dos oligarcas industriais, o desembarque dos trabalhadores dos países industriais pioneiros acarretou na aceleração da mentalidade de classe local, rapidamente igualando a consciência política dos trabalhadores brasileiros a dos europeus (SANTOS, 2008).

Ao final do Século XIX a maior vertente política entre os operários era a anarquista. Consequentemente, neste dado momento grande parcela dos jornais operários deste período era permeado por essa visão política. Estima-se que, da industrialização do país nos idos do Século XIX até a década de 1930, existiram mais de quinhentos jornais operários, tendo seu momento mais explosivo durante as décadas de 1910 e 1920 (SANTOS, 2008).

Os jornais operários geralmente eram compostos de duas pautas principais: Em primeiro lugar, se dedicavam a temas relevantes à vida corriqueira dos operários, focados em assuntos que lidavam com questões de economia diária, as precárias condições de trabalho, apresentação de pautas exigindo a diminuição da jornada de trabalho assim como o aumento de salários, como também a celebração de avanços nas conquistas da classe, dentro e fora do Brasil. Em segundo, mas não menos importante lugar, os periódicos se focavam em assuntos políticos, propagando de forma apaixonada os ideais aos quais a publicação estava alinhada, se valendo de frases de efeito, convocações à lutas de classe e convites a insurreições contra as injustiças que açoitavam a classe trabalhadora (SANTOS, 2008).

Além de trazer pautas inéditas à realidade brasileira, a imprensa operária traria vasto arcabouço para o desdobramento de várias outras, além de introduzir no meio operário o hábito da leitura em um país então majoritariamente analfabeto. Os filósofos políticos destes movimentos transformaram seus trabalhos em material de discussão política, conduzidos por boletins, panfletos e periódicos diversos. As primeiras evidências desta imprensa política datam de 1848 na cidade de Recife, o maior bastião do desenvolvimento industrial do Nordeste naquele período (SANTOS, 2008).

Sodré (1991) afirma que a história da imprensa está estreitamente ligada ao desenvolvimento da sociedade capitalista. Nos desdobramentos do desenvolver da imprensa ocorrem vários embates visando controle ideológico e a circulação de ideias no geral, onde grupos e indivíduos provenientes de variadas configurações socioculturais e políticos impõem e defendem suas posições e pautas (SODRÉ, 1991).

A ASCENSÃO DA PENA QUE ESCREVE O DIÁRIO – JOAQUIM PRIMENTA NA POLÍTICA PERNAMBUCANA

A classe operária em Pernambuco foi uma das mais importantes vanguardas da experiência de mobilização e organização social durante a Primeira República, coroando Recife como um dos principais centros de ação política dos trabalhadores nos finais do Século XIX para início do século XX. Uma interessante característica do movimento operário pernambucano deste período é a participação de membros pertencentes às castas das elites intelectuais e políticas locais junto aos trabalhadores organizados, até mesmo em cenários de aguda discórdia social (BARTZ, 2015).

Pernambuco foi palco de intensos movimentos sociais organizados pelas massas operárias no período que corresponde de 1917 até 1922, com vários movimentos grevistas e levantes populares. Normalmente os modelos de greves constituíam na apresentação de uma lista de reivindicações que apresentavam pautas que abarcavam debates sobre a jornada de trabalho de oito horas, folga semanal remunerada, amparo financeiro por enfermidade, incapacitação ou morte em decorrência da atividade laboral, o fim da disparidade de salários entre gêneros e medidas de higiene dentro do ambiente de trabalho, dentre outras (BARTZ, 2015).

No ano de 1918 as associações de trabalhadores organizados em Recife passariam por uma profunda reconfiguração, onde os sindicatos mais combativos se uniriam em torno do jornal Tribuna do Povo, criado pelo líder libertário Antônio Bernardo Canellas. Rapidamente o jornal receberia apoio de outras entidades ligadas as causas operárias, e se tornaria mais dinâmico, indo além dos limites de Pernambuco e atuando na Paraíba e Alagoas (BARTZ, 2015).

No ano de 1919 se aproximou das causas operárias uma figura importante, o professor Joaquim Pimenta, professor na Faculdade de Direito do Recife. Rapidamente granjeou influência no meio dos trabalhadores e jovens universitários da instituição que lecionava. A

entrada de personagens como o “Dr. Pimenta” representava a heterogeneidade dos movimentos sociais operários em Pernambuco (BARTZ, 2015).

A figura de Joaquim Pimenta era peculiar. Segundo seus contemporâneos de luta operária, ele frequentava comícios operários vestido com capa e boina de bolchevista, se referindo aos seus co-combatentes como camaradas. Apesar dessas demonstrações de carisma popular, ele fazia questão de conservar os laços que tinha com os segmentos políticos das elites locais, e se envolvendo diretamente com seus deslanches, como, por exemplo, na situação que emprestou seu apoio ao presidente Manoel Borba, em detrimento a facção do general Dantas Barreto, na ocasião das eleições estaduais ocorridas em 1915. Ele também mantinha laços com setores das forças armadas, de forma tal que muitas de suas aparições eram guardadas pelo tenente Cleto Campelo (BARTZ, 2015).

Pimenta sagrou-se como uma das grandes lideranças do movimento operário em setembro de 1919, quando a pedidos das organizações operárias, assessorou juridicamente as lideranças de um movimento grevista que triunfaria sobre a *Brazil Tramways*. Após esse triunfo (mas não necessariamente causado por ele) seguiu-se uma sucessão de fragorosas derrotas do movimento operário pernambucano, assim como a escalada da violência institucional contra os trabalhadores, o que fez ascender um movimento reformista, em desfavor das vertentes revolucionárias. Pimenta escolheu a vertente pela reforma (BARTZ, 2015).

Em meio à discórdia entre reformistas e revolucionários, algumas lideranças acusavam os intelectuais infiltrados nos movimentos de aventureiros que, sequestrando a chefia das entidades, abandonam os trabalhadores à própria sorte, já que a defesa do homem miúdo não lhe crescia em nada o próprio capital político, ou seja: o movimento sindical estava sendo transformado em conveniente massa de manobra de espertalhões. De toda forma, Joaquim Pimenta continuou gozando de amplo capital político e decidiu lançar seu próprio jornal focado nas causas operárias. Nascia então o “Diário do Povo”.

ESMIUÇANDO AS PÁGINAS DO DIÁRIO

O “Diário do Povo – Órgão dos interesses Coletivos de Pernambuco” teve seu primeiro número em circulação em 13 de setembro de 1921, em formato grande. Seus diretores eram Raul Azêdo e Joaquim Pimenta. A redação do jornal era localizada na Rua 15

de Novembro (que agora atende por Rua do Imperador), no número 239, enquanto o prédio da oficina ficava localizado no número 107 da Praça do Carmo.

Normalmente publicado de terça a domingo, o periódico teve 278 publicações, e seus principais slogans eram “Educar o povo para que o povo eduque os governantes” e “É melhor ser vencido pela verdade do que vencer pelo erro”.

Em seu primeiro editorial ilustrava:

Este jornal surge como rebento legítimo do estado de ânimo que acaba de levantar Pernambuco em peso para a defesa dos seus direitos e vitais interesses. Ele pretende dar forma definida, estabilidade, vida, à atitude deste povo que lhe granjeou o respeito e a admiração de todos os brasileiros e o reintegrou na consciência das suas forças e na dignidade de seu destino (PIMENTA; AZÊDO, 1921, p. 1)

Consta ao lado do título que:

Este jornal abrirá para cada uma das classes sociais e para os municípios uma coluna onde possam ser discutidos, com absoluta independência, todos os fatos, apenas exigindo comedimento de linguagem daqueles que trouxeram a sua contribuição em artigos ou em simplesmente informações. A responsabilidade dos escritos assinados caberá exclusivamente aos seus autores (PIMENTA; AZÊDO, 1921 p. 1).

No corpo da primeira página se encontrava uma nota que alertava que:

Por ser um órgão popular, deve tornar-se acessível às classes menos favorecidas, razão por que se venderá sempre a 100 réis. Não é, pois, por concorrência desleal, nem por mercantilismo que adotamos tal medida, sim pelo intuito exclusivo de bem servir ao povo (PIMENTA; AZÊDO, 1921, p. 1).

Na segunda página, anunciava-se um importante elemento do periódico, a Coluna Operária, um espaço diretamente direcionado a assuntos da classe trabalhadora, raramente omitido em suas edições, presente especificamente em 214 publicações:

Órgão do povo para o povo, este “Diário” trairia sua própria elevadíssima missão se não abrisse em suas páginas uma coluna proletária, destinada à livre manifestação do pensamento obreiro. Fazendo o pensamento prestar um real serviço à laboriosa e sofredora classe operária, uma das grandes forças motrizes da sociedade. Assim poderão doravante os nossos trabalhadores discutir e agitar pela imprensa diária assuntos doutrinários e de política de classe, e é claro, que essas questões sejam tratadas no campo elevado e impessoal dos princípios, externados e propagados numa linguagem moralmente superior, nobre e pura como a ideologia por que se sentem inspirados (PIMENTA; AZÊDO, 1921, p. 2).

Seu formato original era de seis páginas, onde quatro eram dedicadas a anunciantes, editoriais, folhetins diversos, reproduções de telegramas, notícias em geral, versos humorísticos, e a Coluna Operária.

O periódico era dotado de expressiva combatividade, se envolvendo em pautas políticas de grande evidência no momento – como a questão da sucessão do governo do estado –, como também em pautas minoritárias, a exemplo de uma situação em que nas páginas do jornal empreenderam campanha em favor de dois proletários portugueses que, com ordem de deportação do Brasil emitida desde 1919, encontravam-se em penosa situação, dado o fato de que nem eram embarcados de volta à sua terra natal, e, por carregar a mácula sociopolítica da deportação, não conseguiam recomeçar a vida no Recife.

Cabe aqui uma constatação: enquanto o jornal se apresentava como popular e por meio de sua precificação ser de fácil consumo para uma pessoa pouco abastada, aparentemente tal acessibilidade se apresentava apenas aí. No decorrer de suas páginas, enquanto o periódico se identificava como simpático às causas dos despossuídos, seus discursos pareciam, talvez inadvertidamente, serem construídos de e para acadêmicos. Os textos políticos apresentam uma excelente oratória, porém utilizavam de palavras e figuras de linguagem que pouco se conectavam a uma massa trabalhadora, então majoritariamente analfabeta.

No caso específico do Diário do Povo, talvez a identidade de classe do professor Pimenta e suas ligações com as camadas mais altas da sociedade acabam por interferir na dita missão do jornal. A desigualdade e verticalização da relação de poder entre o editorial do jornal, liderados por um professor universitário, e o público-alvo, em sua maioria pouco ou nada letrado, é refletida na linguagem culta e enfeitada utilizada no periódico.

Como Joaquim Pimenta nunca renunciou aos seus laços com a alta sociedade, os discursos presentes no Diário do Povo podem ser lidos como "sem tato" em relação a real experiência da classe trabalhadora. Se por um lado o uso de uma linguagem erudita no Diário do Povo emprestava camadas de credibilidade, se baseando na noção simples de que "quem fala complicado sabe o que está dizendo", por outro lado, a capacidade de o jornal se conectar com o seu público-alvo é alienada. Pimenta poderia ter se utilizado de uma linguagem mais acessível para as camadas mais humildes da sociedade, num estilo mais aproximado do coloquial da época, mais direto e com uma sintaxe simplificada.

Outra observação, possível por meio de um exame da totalidade de todo o jornal, é que, excetuando os anúncios, existiam poucas ilustrações na publicação. A falta de imagens no jornal também inadvertidamente contribuiu novamente para uma balança desigual, uma

vez que o uso de imaginário pode servir no auxílio do engajamento entre a publicação e a classe trabalhadora a qual o jornal diz representar. Curiosamente, o parco número de ilustrações quase sempre girava em torno de feitos do Joaquim Pimenta.

O uso de imagens se mostra bastante importante em comunicação de caráter ideológico, pois além do sentido cognitivo da leitura, a imagem transmite sensorialmente a mensagem do autor. Walter Benjamin já dizia em seu "A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica" (2018) que o encantamento das massas de maior importância é aquele que consegue capturar a sua compreensão da forma mais eficaz.

Não seria justo, contudo, não atentarmos ao fato de que no período em questão os jornais brasileiros no geral enfrentavam o "atraso" tecnológico que tornava a adoção de imagens em jornais algo dispendioso de recursos técnicos e financeiros, ou seja, o uso de imagens poderia ser um contrassenso, especialmente em um jornal sem nenhuma benesse financeira do governo, de modo que o uso limitado de imagens e o foco no principal editor do jornal pode representar um cenário em que a falta de recursos limitou o uso de imaginário, e mostrar a trajetória de Pimenta nas raras imagens foi parte de uma estratégia de autopromoção.

TIROS DE PISTOLA, SARAIVADAS DE PALAVRAS

No início do século passado, assim como os dias atuais, o que era dito num jornal poderia se manifestar além de suas páginas. A exemplo disto, um caso ocorrido em 24 de novembro de 1921, onde na Rua do Imperador o Diário do Povo realizou-se um comício em favor de Nilo Peçanha (chefe da Reação Republicana) e em desfavor de Artur Bernardes. Antes mesmo de chegar ao púlpito, Pimenta e seus acompanhantes foram atacados a tiros. Em meio ao pânico generalizado, houve retaliação dos atacados e o resultado foi um cenário de correria e pânico, com dois mortos e dois feridos, dentre os segundos, o próprio Joaquim Pimenta, atingido de raspão no braço. O fato reverberou fortemente. No dia que se seguiu ao atentado, o jornal lança um duro artigo discorrendo sobre o fato. Intitulado "A fúria dos Canibais", no qual estavam tecidas acusações sobre a família Pessoa de Queiroz, afirmando que foram estes que encomendaram o assalto.

O dr. Joaquim Pimenta não pôde preencher hoje esta coluna. O braço que há profligado os bandidos e os canalhas, os gatunos e os sarrafaçais desta república prostituída não se pode mover, inerte, por que o inanizou a fúria dos canibais que após o latrocínio e o incêndio, empunhavam a arma

traíçoeira dos assassinos vulgares. O dr. Joaquim Pimenta, felizmente para o povo, para o grande ideal das reivindicações sociais, ainda vive. Não morreu o paladino que não treme, nem recuará jamais ante a horda dos bárbaros e dos selvagens. As balas não o atingiram. [...]

Nunca me passou pela mente, nos momentos de mais descrença e de maior dúvida, que a humanidade produzisse monstros como os Pessôas de Queiroz que mandam assassinar torpemente, friamente, por grupo de bandidos tarados como eles, uma multidão inerte que vai na praça pública lançar um protesto justo, sincero, corroborando ao lado do exército na defesa dos seus próprios direitos, dos seus interesses, das suas reivindicações. [...]

Os Pessôas de Queiroz amontoaram ouro pelos mesmos processos dos bandidos da Calábria; disfarçados, porém com a máscara social do “grand monde” onde eles revolvem a sua alma corrompida por todas as ignomínias, por todas as infâmias, por todas as aberrações. Os seus crimes correram subterraneamente, nos canos de esgoto da Justiça, abafados pelos capachos que os incensam disfarçados de casaca nojenta dos deputados e gente da mesma laia, que entoam os “salutaris hostia” da sua baixa ao altar molhado de sangue dos caciques paraibanos. Mas todo mundo sabe disso. A prata sufocou a consciência de muitos e a posição de um tio presidente de orgia imensa de que é teatro este país, abafou as poucas negações dos serventuários do poder, metade atolados na sentina, hesitando em mergulhar o resto do corpo corroído. [...] (PIMENTA; AZÊDO, 1921 p. 1)

A redação do jornal empunhou a pena como um açoite. Enquanto evocam a imagem de paladinos heroicos para tratar de Joaquim Pimenta, os Pessoa de Queiroz foram reduzidos a “bandidos tarados da Calábria” que se valem da posição social elevada para deslanchar seus desmandos na capital pernambucana, sob a chancela da proteção política proveniente do parentesco com o presidente.

[...]Mas quando o poderio dos infames passar, quando se extinguir a força dos canibais, que ainda lhes dá a auréola da bajulação incensadora interesseira dos palúrdios, o ódio dos homens, a execração da família pernambucana, há de cair sobre eles, na justa vendeta pelos mártires que tombaram.[...] Amanhã serei eu talvez assassinado, e tomarei como os outros, nas ruas da cidade, mas ao menos me restará o consolo de ser do pugilo dos moços da minha terra que não recua ante a fúria dos bárbaros. Não treme um instante sequer para dizer a verdade, nem lhe falta o ânimo em puxar a máscara dos bandoleiros. Havemos de continuar. Não será jamais a fúria canibalesca dos assassinos de coturno que há de empecer a marcha do povo, que aumenta, cresce, avoluma-se para a defesa de seus ideais, que hão de chegar um dia, assim mesmo, espadanando no sangue glorioso dos mártires e dos heróis. Forjemos, porém, o aço dos grilhões que hão de encarcerar as feras da Paraíba. (PIMENTA; AZÊDO, 1921, p. 1)

Seguem-se mais frases de efeito numa retórica elaborada que termina com uma afirmação – a ação não sairá impune, e o sangue será pago com sangue. Mas a redação foi cautelosa o suficiente para não afirmar que a instituição do Diário do Povo pegará em armas contra os Pessoa de Queiroz, e sim a revolta do povo, cansado dos absurdos destes oligarcas.

O artigo é uma acusação direta e nem um pouco sutil aos Pessoas de Queiroz, que são associados a toda sorte de atividades escusas, ao relacioná-los a termos como "bandidos da Calábria", por exemplo. Valendo-nos do conceito da genealogia do poder de Foucault⁹, Pimenta coloca os perpetradores do crime como portadores do poder, que abusam de sua posição controlando a situação por meio de métodos amorais. Em contrapartida, demonstra-se o poder de resistência atribuído à Pimenta.

Devido às acusações, jornal enfrentou certo problema para circular plenamente, retornando no dia 29, apenas mediante um acordo entre as autoridades policiais, que garantiriam que o jornal poderia regressar sem temer represálias. Insultado publicamente pelas acusações, o professor Pimenta promove uma campanha de refutação contra o Jornal do Commercio e sua direção, que responsabilizavam os organizadores pelo ataque que sofreram, em artigos atrevidamente chamados de "Exame de consciência". Seguiram-se artigos como "Banditismo e covardia" e "Dissecando monstros", e o polêmico "A fúria dos canibais" retornava.

Enquanto a controvérsia sobre o ataque se desdobrava, o jornal disparou contra o então chefe de polícia, Liberalino de Almeida, artigos intitulados com "Que ignomínia!". Seguiria nesta linha até o final do ano, e em 1922 o vespertino continuava engajado em suas pautas.

Em março de 22 a redação renovou os protestos contra o que decorria acerca do processo em torno do fatídico tiroteio de 24 de novembro do ano anterior, uma vez que insistiam em atribuir ao Joaquim Pimenta à responsabilidade do ocorrido (NASCIMENTO, 1967). Um empático clamor popular se levantou a favor de Joaquim Pimenta e sua esposa, especialmente no meio operário e a Congregação da Faculdade de Direito e o corpo discente da mesma. A reação fora suficiente para se arquivar o processo.

Neste mesmo ano transcorreria uma agitação social causada pela questão da sucessão governamental em Pernambuco, em uma das campanhas políticas mais movimentadas na história do estado. O Diário do povo apoiava a candidatura de José Henrique Carneiro da Cunha enquanto criticava ferrenhamente a política dos irmãos Pessoa de Queiroz, que apoiavam o candidato da oposição, Lima Castro, protegido pelo Catete. O periódico encheu-se de material político, em meio a um cenário de agitação social, clamor estudantil, do

⁹Termo tomado de Nietzsche, Foucault define a genealogia como um método de análise do poder a partir da contextualização histórica das condições políticas de possibilidades dos discursos.

proletariado e das forças armadas, com a participação do comando do Exército local, que apoiava o candidato opositor.

VOTOS, DISCURSOS E CARABINAS

As eleições ocorreriam à 27 de maio, e o vencedor fora o candidato indicado pela situação, em meio a grande furor (NASCIMENTO, 1967). A sede do Diário do Povo seria duas vezes atacada a tiros na madrugada do dia que se seguiu, por integrantes do 21º Batalhão de Caçadores. Um pequeno grupo de trabalhadores que estavam dentro do prédio revidou e dois deles morreram no ataque. *“Ficaram as máquinas, as coisas de tipos e o modesto mobiliário espantosamente crivados e perfurados de balas de fuzis e metralhadoras”* (PIMENTA; AZÊDO, 1922), nas palavras da própria publicação.

Diante de tanta truculência, o jornal ficaria suspenso até o dia 2º de junho de 1922, onde a primeira página do periódico despojava uma tarja preta fúnebre, com fotografias do prédio após o ataque, tiradas a partir de onde as forças armadas e também de onde o operário José Martins perdera a vida entrincheirado dentro do prédio. Segue-se num exercício de análise do discurso utilizando um fragmento da reportagem principal:

Ainda mesmo incandescente, não poderia a nossa pena traçar toda a hediondez das cenas de canibalismo que foi teatro uma cidade civilizada, com mais de trezentos mil habitantes, durante os três dias de feroz intervenção militar em que um coronel do Exército, esquecendo o alcance moral de suas funções trocou sua espada de soldado pelo trabuco do facínora.

Não há em toda a história republicana do Brasil, desde que entrou em execução o famoso artigo 6º da Carta Constitucional, um assalto mais violento, mais bárbaro, mais escandaloso, mais cínico à autonomia de um Estado. Jamais se registrou um atentado mais ignóbil e mais desumano à vida de uma coletividade pacata, e inerme. E isto porque um homem, cuja mentalidade retrata um perigoso epilético ou um terrível criminoso nato, entendem servir às posições partidárias e aos interesses comerciais de certos indivíduos que tem, para recomendá-los perante a nação, serem apenas sobrinhos do presidente da República. (PIMENTA; AZÊDO, 1922, p. 1).

Nota-se aqui que a redação do Jornal se faz valer de sua versada retórica para equiparar o assalto ocorrido contra a redação do Diário do Povo a uma ação de cruel capangagem, e para reforçar o ponto de que o exército foi instrumento de severa violação, citam o Artigo 6º da Constituição outorgada em 1891, que assim discorre:

Art 6º - O Governo federal não poderá intervir em negócios peculiares aos Estados, salvo:

1º) Para repelir invasão estrangeira, ou de um Estado em outro;2º) Para manter a forma republicana federativa;3º) Para restabelecer a ordem e a tranquilidade nos Estados, à requisição dos respectivos Governos;4º) Para assegurar a execução das leis e sentenças federais.

O texto prossegue em sua hiperbólica denúncia:

[...] O coronel Jaime Pessoa aqui aportou, não faz dois meses, sendo recebido com as atenções que os nortistas dispensam aos oficiais do exército. Porém assim que assumiu o comando da Região, foi fechando os olhos a umas tantas coisas que se iam passando nos quartéis, o que punham em dúvida a gravidade do cargo que ocupa.

Intensificada a campanha em torno da sucessão governamental, logo se viu o major fiscal do 21º de caçadores transformando em meetingueiro [gíria para local de encontro] vulgar, berrando nos mercados e nas esquinas uma retórica revolucionária, ameaçando o povo pernambucano com batalhões, com metralhadoras, com esquadras, com o diabo. E enquanto o major Julio de Azevêdo, impunemente, deitava os seus tropos zelosos, e a música e patrulhas do 21º assistiam aos comícios castristas e tomavam parte nos escarcéus políticos, os oficiais e soldados que juravam sobre a firma Pessoa de Queiroz eram vigiados, castigados, removidos para bem longe, afim de que se pudessem sem tropeço avançar no plano terrorista de assalto ao Estado pelas carabinas do exército (PIMENTA; AZÊDO, 1922, p. 1).

Ao iniciar sobre o coronel Jaime, tentam lhe impor a pecha de ingrato, ao citar o devido cuidado com o qual os nortistas recebiam forasteiros, ao mesmo tempo em que lhe atribuem incompetência e tendencionismo, ao mencionar sua inação perante determinadas injustiças cometidas pela soldadesca e ações políticas dentro da instituição que visavam abrir caminho para o terror:

[...] Tudo isto está no domínio público: mas o que ninguém esperava pelo menos tão inopinadamente, era um golpe de forças tão brutal, tão selvagem, tão ignomioso, tendo partido diretamente do próprio comandante da Região. Convencido da derrota dos coligados, não hesitou em vingar-se do povo que o acolhera, e dali o cenário rubro e revoltante que envolvem o Recife durante os três dias trágicos em que apenas sobrenadou uma coisa – uma farda tinta de sangue e salpicada de lama. Tudo o mais abismou-se, desapareceu num turbilhão de fogo que reduziu a tralhas, com a constituição da República, a dignidade daquele que, por ironia do destino, ainda se tolera como supremo magistrado da nação (PIMENTA; AZÊDO, 1922, p. 1).

A intenção da matéria é da forma mais ruidosa possível denunciar e condenar o evento e o coronel responsável pelo o que considera um abuso por parte de poderosos, e evocar sentimentos de raiva e indignação nos leitores. Na narrativa o ingrato outsider desrespeitou o cargo que ocupa para se tornar mero capanga que atropelou a Constituição em nome de interesses particulares, apequenando até mesmo o governo central com suas escusas ações:

[...] Mas o que toca as raias do cinismo é que, depois se elevou do norte ao sul o protesto do país contra tão abomináveis crimes, cujo retrato já foi pela

imprensa da terra minuciosamente feito; depois que todas as vozes num coro angustioso, se ergueram súplices, pedindo um paradeiro à bruteza atávica dos chacinadores de um povo; gritaram pelo telégrafo os bandidos que foram as vítimas que tramaram e praticaram toda a hecatombe; foram elas que se espingardearam a si mesmas, que fizeram correr o sangue nas ruas do Recife a derramar lágrimas nos lares onde a orfandade e a viuvez entraram de chofre.

É o que se depreende da correspondência do comandante da região e das notas oficiais do Sr. Epitácio Pessoa, sem falar dos fâmulos do pessoísmo que daqui telegrafaram para a imprensa do Rio e dos Estados, invertendo a verdade dos fatos. Sim, fomos nós que envolvemos o Recife em luto e espalhamos a dor e o desespero no seio das famílias; mas isto não é o que afirma o “Diário de Pernambuco” com a sua incontestável neutralidade; isto não é o que diz o corpo consular que se sentiu sem garantias, recorrendo ao presidente da República, em vez de dirigir-se ao governador do Estado, isto não foi o que telegrafou o clero cujo alheamento ao problema governamental também ninguém contesta; isto não é o que diz o Recife em peso que assistiu apavorado o atulhamento das ruas de patrulhas do exército e o assalto por este às oficinas do “Diário do Povo”, onde tombaram sem vida, umas, feridas, entre as vítimas da sanha partidária do coronel Jaime Pessoa (PIMENTA; AZÊDO, 1922 p. 1).

A redação da matéria pinta o cenário de que em unísono os locais clamam pelo fim da ceifa contra população refém da bandidagem outorgada pelo governo local, a qual reporta aos seus superiores no Catete uma versão distorcida dos fatos, atribuindo ao pessoísmo e ao coronel Jaime a maior responsabilidade. Oportunizam para citar a neutralidade do periódico Diário de Pernambuco, provavelmente na intenção de condicionar o leitor para outro momento mais adiante na matéria:

[...] E enquanto assoalham os nossos pequeninos e rancorosos adversários que dinamitamos diferentes pontos da cidade, onde [estão] os estragos materiais? Onde [estão] os mortos? Entretanto, aos milhares se constam os indícios de balas das carabinas federais dos prédios particulares e públicos; entretanto, ocultam o fuzilamento de um pobre operário no largo da Faculdade e de um jovem dentista que suplicava que o não matassem; e mais o nome dos bravos defensores desta folha cujo crime para com o exército tem sido até hoje defendê-lo enaltecendo-lhe a tradição e o brio (PIMENTA; AZÊDO, 1922, p. 1).

Nesta parte, denunciam novas manifestações de acusações antigas de que Joaquim Pimenta vertia os trabalhadores que dizia defender em capangas, municinando-os com explosivos, ao mesmo tempo que desafia seus algozes de prová-lo. Publicações “rivais”, como o periódico “A Província” discorrem sobre o tema imputando tais fatos com insinuações.

Segue-se então uma transcrição e um pequeno comentário de uma publicação aliada o Diário de Pernambuco. É provável que Pimenta considerou que a reprodução que corrobore com sua versão dos fatos lhes angariasse respaldo adicional:

OS ACONTECIMENTOS

Sobejamente narrados os fatos em todos seus detalhes pelos jornais que não servem ao castrismo, julgamos desnecessário reproduzir tudo quanto se verificou nos lutosos dias em que o coronel Jaime Pessoa não trepidou em arremessar as forças federais contra esta folha, além dos tiroteios a esmo que por parte das mesmas se verificaram em pontos diferentes do Recife. Todavia, mais como um documento que vem em nossa defesa do que como informe aos nossos leitores, transcreveremos do “Diário de Pernambuco” a descrição que ele fez do ataque às nossas oficinas: [...]

O Diário de Pernambuco fora previamente anunciado como uma publicação neutra. Essa neutralidade provavelmente fora invocada no intuito de firmar que o periódico citado tem um compromisso maior com a verdade, e as entidades e movimentações sociopolíticas são de caráter secundário. Prosseguindo:

[...] “Os contingentes do exército empregados no assalto ao ‘Diário do Povo’ tomaram posição, cerca de 1 hora da manhã de segunda feira no pátio do Carmo, onde ficam localizadas as oficinas daquela folha. Dali abriram cerrado tiroteio contra o edificio. Defenderam-se os operários que ali se achavam tanto quanto puderam, fazendo uso de rifles durante uma hora, conseguindo, por fim retirar, fechando a casa onde somente ficaram os que, feridos gravemente, não se podiam locomover.

Há quem assegure que para proteger a retirada lançaram os operários duas bombas de dinamite, o que coincide com os estampidos maiores ouvidos durante a noite; mas a ausência no local de indícios que correspondam ao emprego desse recurso de esperado, nada nos permite assegurar sobre isso. É bem certo que a força federal não estava ali a exercer uma função própria do soldado brasileiro, e por isso mesmo, não teria maior empenho em atirar-se a chacine de meia dúzia de homens que legitimamente se haviam defendido. [...]

Podemos dizer que a inclusão deste segmento foi planejada, indo de encontro à narrativa do próprio Diário do Povo, que previamente já havia negado veementemente o uso de aparato explosivo pelos operários, citando justamente a falta de evidências físicas que comprovem tal acusação. A tiracolo traz a forte afirmação de que não é papel de um soldado que se preze participar de uma reles chacina contra trabalhadores, diminuindo o ataque a um ato criminoso.

[...] Apesar do resumidíssimo número de operários que defendiam este “Diário”, portaram-se eles com um heroísmo de causar assombro. Falta corrigir um ponto que não foi exatamente fixada pela reportagem do “Diário”: é que o assalto começou mais

ou menos a 1 hora, tendo se repetido duas vezes; no último ataque, já quase ao amanhecer, foram as vítimas alvejadas de surpresa, sendo que José Martins “Zuza” quando se preparava para a reação, recebia a descarga que o matou assim como seu companheiro Antônio Joaquim Ferreira. Mas o que enche de orgulho o operariado pernambucano é que, enquanto os assassinos, mandantes e mandatários recorreram à emboscada para levarem a efeito seus planos tenebrosos, os trabalhadores mostram que lutam como homens (PIMENTA; AZÊDO, 1922, p. 1).

Na última sentença fica clara a intenção de desqualificar os atacantes invocando que apenas os trabalhadores lutaram “como homens”. Invocar a hombridade, ou seja, a virilidade da dignidade masculina, é um artifício que, apesar de estar sendo desconstruído aos poucos atualmente, era muito comum no início do Século XX. Nota-se ainda que a tática da emboscada, atribuída às tropas federais, é citada aqui como contraste, a tática dos covardes. Mas pelo que nos é dito, e compreendendo uma fração mínima de táticas militares, não se pode afirmar que um ataque frontal ao prédio por soldados de infantaria pode ser considerado uma emboscada. Mas aqui a realidade desbotaria o desenho que a pena que a redação do Diário do Povo quer criar.

No geral, o Diário usa uma língua carregada de paixão, repleta de adjetivos e hipérboles negativas para desqualificar a ação dos militares sobre si. A menção ao Art. 6º da Constituição faz alusão à ilegalidade de toda a ação, citando também motivos ulteriores ao ataque. As vítimas são apresentadas como parte de um coletivo pacífico e inocente submetido a um desnecessário e bárbaro ataque desprovido de humanidade. A linguagem emotiva é utilizada para evocar sentimento de repulsa e injúria dos leitores em relação aos militares (e eventualmente, aos vencedores da eleição), e sentimentos de empatia para com o Diário do Povo e seus associados.

Por um viés baseado nos estudos de Bakhtin (1965), o texto é um exemplo de diálogos entre várias vozes e um choque de perspectivas, representados nas ações dos militares e a reação da população. Também é um exemplo de “discurso carnavalizado”, já que descreve a violência e o caos de forma que choca contra o *establishment*. Para o autor, a rebeldia e subversividade do carnaval é uma reação adversa a tudo estabelecido, do dito oficial e sagrado.

Aplicando uma visão metodológica guiada pelos escritos de Robert Darnton, tem-se um exemplar de um discurso histórico que nos provém uma inestimável informação sobre o clima social e político daquele período, como também um discurso literário que usa técnicas específicas para repassar sua mensagem. Em seu “Grande massacre de Gatos” (1984) ele nos

atenta que a literatura não é um reino autônomo, e sim que é uma parte integral da cultura, de modo que para compreendê-la, a análise idealmente deve ser contextualizada no cenário em que foi idealizada.

Outro ponto da teoria de Darnton é que os jornais constituem parte da esfera pública e constituem como parte fundamental para a apreensão dos eventos em análise. Este texto jornalístico posto em análise poderia ter uma função significativa na forma como a opinião pública compreenderia e lembraria o episódio abordado.

Estas perspectivas podem nos ajudar a compreender o contexto social, cultural e histórico do texto apresentado e as formas na qual ele pode desafiar ou reforçar estruturas de poder existentes. Lilia Schwarcz (2000) nos indica que o texto tem um discurso sobre classes, já que lida com o abuso de poder dos militares guiados por motivos ulteriores.

Na visão de Gramsci (2001) o texto é um discurso que bate contra a hegemonia, já que denuncia o abuso de poder de um comandante militar que se diz agir a mando de indivíduos que ocupam posição de destaque na sociedade pernambucana daquele período. Em “Cadernos do Cárcere” ele argumenta que a hegemonia não envolve apenas o uso da força, mas também o consentimento dos comandados, ou seja, pode-se entender que a responsabilidade dos tiroteios é do comandante tanto quanto daqueles favorecidos por isso.

Numa perspectiva Foucaultiana, o texto é uma manifestação de um discurso de conhecimento e poder, já que apresenta uma compreensão específica de eventos e como eles ressoam dentro e para as relações de poder. Em seu “A ordem do Discurso” (1996), Foucault cita que discursos são processos e exercícios de poder. E em seu “Vigiar e Punir” (1987) ele continua este pensamento concluindo que o poder não é algo de posse fixa, e sim algo de natureza fluida, presente em todas as relações sociais. É possível ainda captar uma alusão ao “poder disciplinário”: os militares exercem controle político sobre seu pessoal, vigiando e eventualmente castigando aqueles que degeneram do ponto de vista pretendido.

Partindo da ótica de Roger Chartier (1990), enxerga-se o artigo como um representante dos discursos de poder e resistência em que são denunciadas as ações injustas do governo. Chartier argumenta que o discurso não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta de exercício e resistência ao poder (CHARTIER, 1990).

Sob o prisma de Pierre Bourdieu (1984), o texto lida com a violência simbólica. O ataque à redação ao Diário do Povo, mais que um atentado é um exemplo do que pode vir a acontecer àqueles que se, porém, no caminho da ordem imposta. Em seu “A Distinção: crítica

social do julgamento” ele explicita que a violência simbólica é uma forma que grupos dominantes usam para impor seus pontos de vista em dada sociedade.

Uma forma de seguir com a análise do discurso desta reportagem seria um exame da linguagem e da retórica usada na elaboração dos textos. Um aspecto linguístico presente no artigo é o uso do termo “castrismo” de forma pejorativa, o que denuncia que os idealizadores do jornal e seus apoiadores são aversos a esta ideologia, enquanto o jornal se apresenta como uma fonte mais confiável sobre os fatos.

Esta publicação foi um ponto de virada para o jornal, a partir de então nunca mais deixou de citar em seus editoriais a intervenção do governo federal em Pernambuco. À 5 de Julho suspendeu a circulação devido a um “desarranjo na máquina impressora”. Voltaria às ruas apenas no dia 13 do mesmo mês, agora sob a direção de Manuel Cândido. Divulgava um artigo em tom desencantado em que Joaquim Pimenta anunciava sua partida ao Rio de Janeiro e seu rompimento com a Reação Republicana. Na edição se anunciava que “*O Diário do Povo provisoriamente, muda, hoje, de diretores: porém o seu programa será o mesmo [...]*” (PIMENTA; AZÊDO, 1922. p. 1).

A partir deste período, o jornal passa por um processo de “desarmamento”, em que o foco da publicação se voltou para poesias de prosa e discussões medidas e ponderadas sobre política. A Coluna Operária pouco se fazia presente, e quando surgia, era mais em forma de espaço de recados.

Neste meio tempo, se estabeleceria um acordo entre os patronos do governador eleito e o querelante candidato derrotado. Seria escolhido então um tercius: o juiz Sérgio Loreto (NASCIMENTO, 1967). Tal acordo soprou relativa paz na capital pernambucana, e fez com que o Diário do povo publicasse em suas colunas de 18 de julho de 1922:

A vida jornalística no Recife, após os acontecimentos e os boatos que sempre à sombra daqueles se forjavam e circulavam com prodigiosa rapidez, está de uma pasmaceira de causar mal aos nervos. Não há assunto que interesse, uma notícia sensacional, um boato que agite a língua aos comentadores profissionais. Até a esquina da Lafaiete perdeu o aspecto animado dos dias de mazorca. Em compensação, anda-se na rua sem receio de voltar a casa com o ventre rasgado ou com o crânio partido” (PIMENTA; AZÊDO, 1922. p 1).

O Dr. Pimenta ainda enviaria do Rio de Janeiro alguns artigos, regressando em pouco tempo e reassumindo a chefia do jornal em 19 de agosto do mesmo ano. Ao que parece, o entusiasmo pela publicação desgastou-se e o ânimo fora derradeiramente fulminado no dia 31 do mesmo mês, data da última publicação, a qual se deu sem nenhuma despedida

(NASCIMENTO, 1967). É cabível interpretar esta súbita desistência como reação ao fato de que as mudanças políticas pouco adiantaram para Joaquim Pimenta, que achou por melhor não se tornar de forma irreversível uma *persona non grata* contra a cena política instaurada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos destacados no presente trabalho são um lembrete de que na década de 1920 as oligarquias políticas ainda detinham sumariamente o poder em Pernambuco, e não hesitavam em instrumentalizar os aparatos repressores do Estado para garantir que sua hegemonia não fosse ameaçada, silenciando qualquer voz de dissídio. A liberdade de expressão era suprimida de forma velada nos cenários mais pacíficos, e a tiros nos casos mais extremos. Os ataques denunciados no jornal Diário do Povo, evidenciam os interesses particulares dos depositários do poder frequentemente travestidos de interesse coletivo, e, por mais brutais que fossem suas ações, eram ditas como soluções necessárias em defesa da sociedade – dissonar com o *establishment* era uma subversão que precisava ser arrancada pela raiz tal qual uma erva daninha.

No entanto, o seguimento da história pernambucana e do movimento operário brasileiro como um todo, demonstra que a violência do sistema contra seus opositores carregou um efeito colateral que acabou municionando moralmente os movimentos de resistência à ordem imposta. De fato, as denúncias realizadas pelo Diário do Povo favoreceram a insuflação da luta de movimentos sociais da época, desafiando a preponderância plena dos grupos políticos e econômicos dominantes, de modo que estes não conseguiram conter indefinidamente as mudanças políticas que se seguiriam nas vindouras décadas.

Neste contexto, evidencia-se que a instrumentalização do exercício do poder não era uma tática exclusiva das elites locais. À sua maneira, o jornal Diário do Povo usava de seu poder sobre o meio operário para combater outro poder, no caso, o governo local e políticos opositores. A redação do Diário do Povo guiava a publicação de acordo com suas próprias agendas particulares, e não se faziam de rogados para, sob a chancela da liberdade de imprensa, usar as páginas do jornal para numa linguagem quase teatral atacar diretamente os desafetos políticos dos grupos engajados com o periódico.

Sobre a linguagem adotada no periódico, repleta de palavras incomuns e estrangeiras, podemos considerar o fato de que na década de 1920, em Pernambuco e em várias outras

partes do país, os jornais carregavam traços de seus autores – no caso do Diário do Povo, intelectuais com laços estreitos com as camadas mais abastadas da sociedade local. Considerando o contexto sociopolítico do período, essa prática comunicativa também serve de evidência da desigualdade educacional vigente no período. O grosso da população brasileira – composta por trabalhadores miúdos que vendiam sua força de trabalho – não tinha acesso à educação formal, e acabava inevitavelmente excluído do processo de leitura de um folheto de linguagem requintada, indo na contramão da principal proposta da publicação.

Essa dualidade entre a origem social dos autores e o compromisso com a luta dos trabalhadores é uma amostra da complexidade das relações sociais e políticas da época. Joaquim Pimenta não fora o primeiro e nem o último acadêmico da Universidade de Direito do Recife que simpatizava com as lutas operárias e contribuiu para com elas.

O encerramento prematuro do jornal em 31 de agosto de 1922 fora causado pelo cenário sociopolítico desfavorável carregado de tensões. A combinação dos ataques violentos e a repressão do governo acarretaram a perda de combatividade do jornal, a qual fora o pivô para o esvaziamento derradeiro do periódico. Esse desfecho é representativo das dificuldades enfrentadas pelos movimentos operários naquele período.

A análise destes episódios do jornal Diário do Povo ressalta não somente a repressão política e o oligopólio social da época, mas também nos traz uma amostra da capacidade de resistência, organização e mobilização social dos grupos sociais por meio da imprensa, e de como estas podem ser heterogêneas – no caso do jornal posto em análise, temos uma publicação idealizada por intelectuais que se prestam a ser a voz do “brutalizado” meio operário, publicação que alcançou sucessos e encarou revezes de formas variadas em seu quase um ano de existência. Aos nos debruçar sobre publicações classistas como esta, podemos perceber outras camadas das lutas políticas e sociais da época, tornando a produção historiográfica mais abrangente e plural.

Remontando ao que foi dito previamente sobre a análise do discurso, o exercício representado nesta obra não buscou estabelecer um diagnóstico definitivo sobre a fonte uma vez que na análise do discurso um mesmo objeto de estudo pode ter interpretações infinitas, limitadas pelas perspectivas adotadas. Não há uma única abordagem “correta” na análise do discurso. Ao examinar as edições visitadas nos embasando em diferentes lentes teóricas, é possível afirmar que pareceres diferentes podem ser alcançados, e a diversidade de interpretações enriquece o debate acadêmico, incentivando análises mais aprofundadas. As conclusões não são pontos finais, mas pontos de vista que impulsionam novas investigações e

reflexões, de modo que os processos da análise do discurso jamais ficarão fechados, eternamente esculpidos e imóveis na pedra de apenas algumas escolas metodológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Editora da Universidade de Brasília. Brasília, 1987;

BARTZ, Frederico Duarte. Reformistas e revolucionários: as lutas internas do movimento operário pernambucano e a formação do Grupo Comunista de Recife (1917-1922) In: OLIVEIRA, TB., org. Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. EDUEPB. Campina Grande, 2015.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. L&PM Editores. Porto Alegre, 2018.

BORDIEU, Pierre: A Distinção: crítica social do julgamento. ZIUOK. Porto Alegre, 2007;

CAMPOS, Rodrigo da Silva. Marcas de subjetividade nas manchetes de um jornal popular: possíveis implicações para um perfil de leitor. In: III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade. Campinas. Dilemas e desafios na contemporaneidade. Campinas: Unicamp Editora, 2012.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia Coelho. O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARNEIRO, José Reinaldo Antunes; CHAVES, Niltonci Batista. O uso do jornal como fonte de Pesquisa histórica: Um estudo do jornal “O Tibagi”. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, v. 1, p. 1-16, 2014.

CHARTIER, Roger. A História Cultural – entre práticas e representações. Lisboa. DIFEL, 1990.

DARNTON, Robert. O Grande Massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa. Tradução: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

- ESSENFELDER, Renato. Jornalismo e subjetividade: a poética da grande reportagem. *Novos Olhares*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 37-48, 2017.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2ª ed. São Carlos/SP: Editora Claraluz, 2008;
- FOUCAULT, Michel: *A ordem do Discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel: *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.
- GEARY, Dick. A "Virada linguística", pós-modernismo e história do trabalho. *Perspectiva*, v. 18, n. 33, p. 35-64, 2000.
- GRAMSCI, Antonio: *Cadernos do cárcere - Volume II*. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 2001;
- KRENISKI, Gislania Carla P.; AGUIAR, Maria do Carmo Pinto. O jornal como fonte histórica: a representação e o imaginário sobre o "vagabundo" na imprensa brasileira. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo/SP, 2011
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.
- LUZ, Ceres; CARVALHO, Alexandre. Michel Foucault e as (in)certezas da história. *Revista Trilhas da História*, v. 10, n. 20, p. 13-34, 2021.
- MACIEL, Laura Antunes. Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores. *História & Perspectivas*, v. 39, 2008.
- NASCIMENTO, Luiz do: *História da Imprensa em Pernambuco (1821 – 1954)* Recife/PE: Universidade Federal de Pernambuco, v. 3, 1967.
- OLIVEIRA, Raniele Duarte. Os jornais enquanto fontes de pesquisa: possibilidades de estudos a respeito do município de Uberaba/MG. In: *XX Encontro Regional de História – ANPUH*, Uberaba/MG, 2016.

OLIVEIRA, TB., (org.). Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Campina Grande: EDUEPB, 2015, p. 113-140.

PERYLO, Diniz: A Província. Edição de 30 de Maio de 1922. Recife, 1922. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=128066_02&pagfis=6528&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acessado em 03/02/2023;

PIMENTA, Joaquim; AZÊDO, Raul. Jornal Diário do Povo. Nº 1, edição de 13º de setembro de 1921. Recife, 1921;

PIMENTA, Joaquim; AZÊDO, Raul. Jornal Diário do Povo. Nº 211, edição de 2º de junho de 1922. Recife, 1922;

PIMENTA, Joaquim; AZÊDO, Raul. Jornal Diário do Povo. Nº 225, edição de 18º de junho de 1922. Recife, 1922;

PIMENTA, Joaquim; AZÊDO, Raul. Jornal Diário do Povo. Nº 238, edição de 13º de julho de 1922. Recife, 1922;

PIMENTA, Joaquim; AZÊDO, Raul. Jornal Diário do Povo. Nº 242, edição de 18º de julho de 1922. Recife, 1922;

PIMENTA, Joaquim; AZÊDO, Raul. Jornal Diário do Povo. Nº 63, edição de 25º de novembro de 1921. Recife, 1921;

SANTOS, Laura Lebosso; Alemparte Abrantes dos: O jornal como instrumento de politização, de propaganda política e de organização: a imprensa operária na primeira fase da industrialização brasileira. UFRJ, Rio de Janeiro, 2008;

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Raça como negociação: sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2000;

SILVA, Jefferson Evaristo do N.; COELHO, Fábio André C. O verbal e o não-verbal, o dito pelo não dito: a palavra e sua(s) significação(ões) no jornal carioca Meia Hora de Notícias. Caderno Seminal, v. 28, n. 28, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck: História da imprensa no Brasil. Mauad. Rio de Janeiro, 1991;

VASCONCELOS, José: Jornal do Recife. Edição de 1º de Junho de 1922. Recife, 1922.
Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=705110&pagfis=85453>.
Acessado em 05/02/2023.

Figuras e Legendas

Figura 1. Reprodução da capa da primeira edição do periódico Diário do Povo, publicado em 13 de setembro de 1921.

Figure 1. Reproduction of the front page of the first edition of the newspaper Diário do Povo, published in September 13rd, 1921.



Figura 2. Recorte do jornal referenciando um esforço coletivo da classe trabalhadora local em prol dos flagelados russos. Uma evidência de identidade de classe.

Figure 2. A cut-out of the newspaper referencing a collective effort of the local working class in favor of russian flagellates. An evidence of class identity.

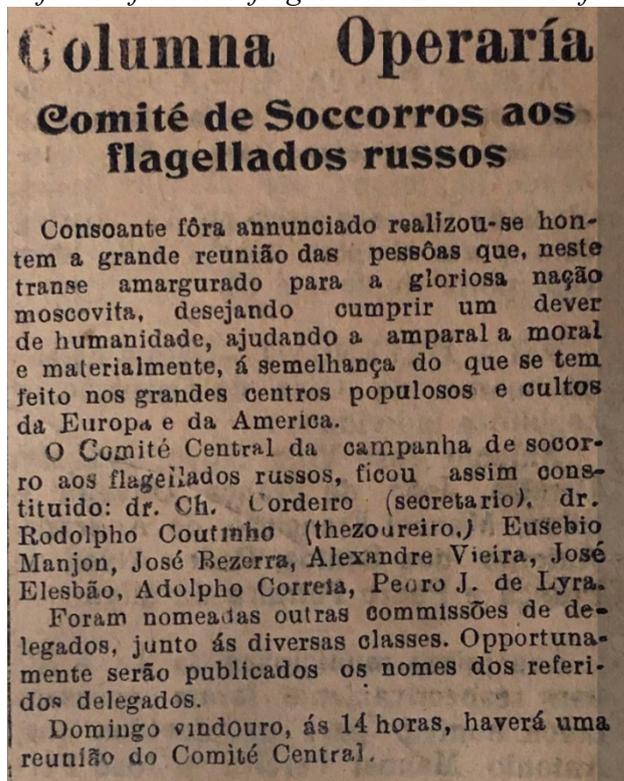


Figura 3. Reprodução da imagem que estampa a primeira página da edição de 18 de Setembro de 1921.

Figure 3. Reproduction of the image on the front page of the September 18th, 1921 edition.

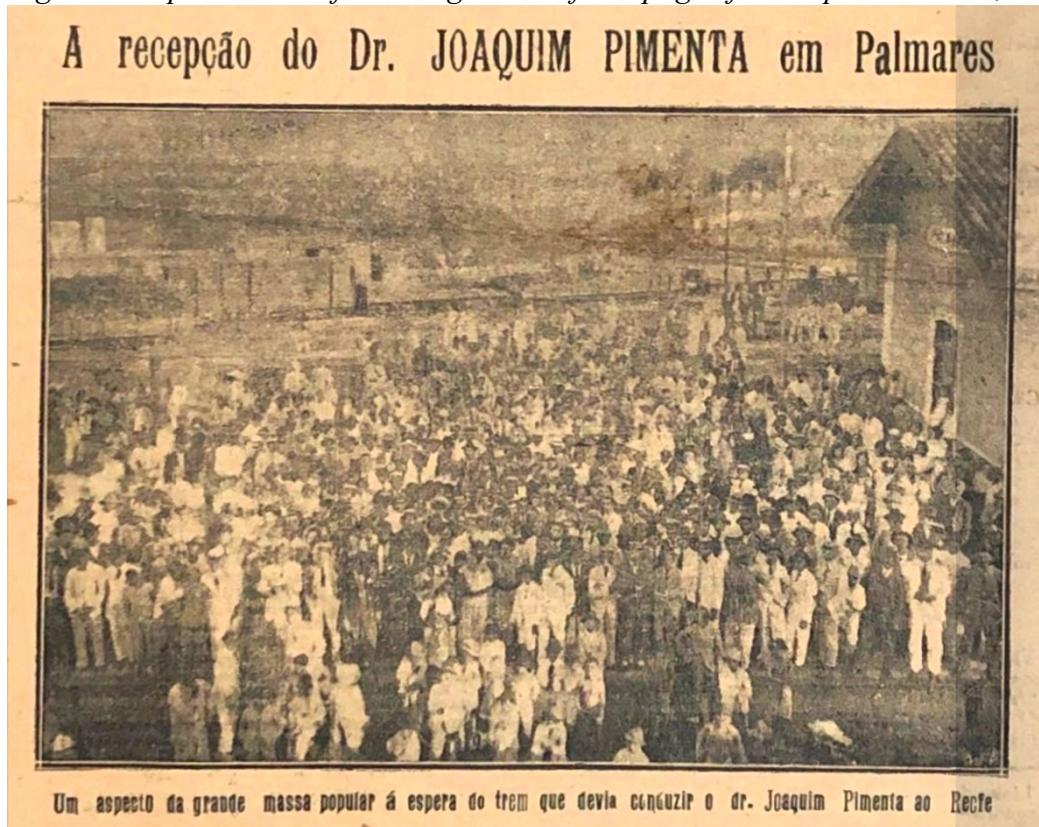


Figura 4. Rara ocorrência em que o jornal se utiliza do recurso visual em suas matérias. Aqui, notadamente, as fotografias são utilizadas para transportar o leitor para o momento da ação.

Figure 4. Rare occurrence in which the newspaper uses the visual resource in its articles. Here, notably, photographs are used to transport the reader to the moment of action.



Figura 5. Chamada de matéria do jornal recifense "A Província", datada de 30 de Maio de 1922. A malta (turma) de capangas e a dinamite são uma acusação velada contra os trabalhadores que apoiavam o Diário do Povo.

Figure 5. Call of na article from the Recife newspaper "A Provincia", dated May 30, 1922. The gang of henchmen and the dynamite are a veiled accusation agains tthe workers who supported Diário do Povo.



Figura 6. Reprodução de trecho da edição de 1º de Junho de 1922 do "Jornal do Recife", com um elevado tom de solidariedade. Evitar invocar edições simpáticas à causa talvez tenha sido parte de uma estratégia de convencimento.

Figure 6. Reproduction of an excerpt from the June 1st, 1922 edition of "Jornal do Recife", with a elevated tone of solidarity. Avoiding invoking editions sympathetic to the cause may have been part of a convincing strategy.

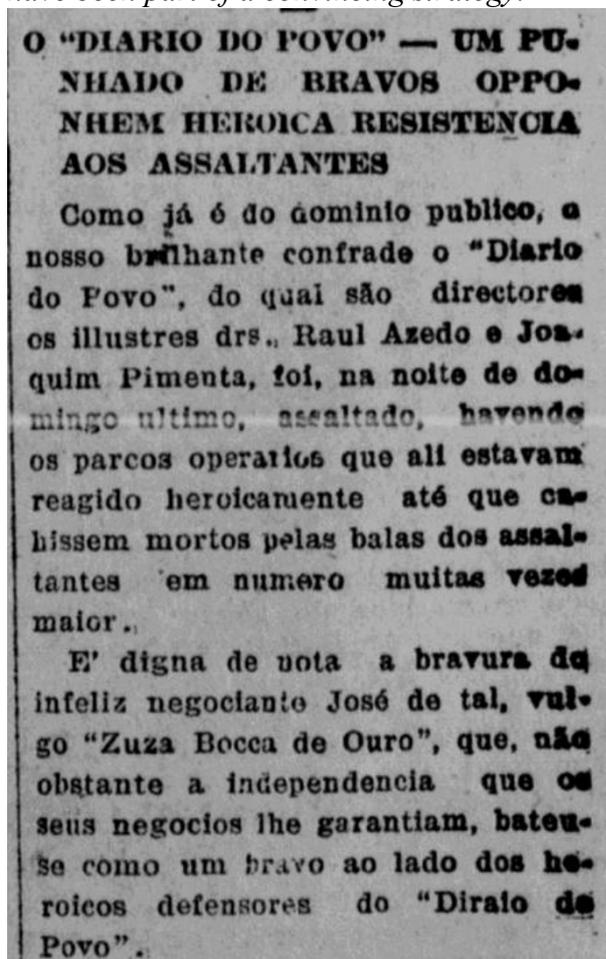


Figura 7. Dar um rosto à tragédia pode ser interpretado como uma tática para conduzir as emoções dos leitores para a reação esperada. As apáticas letras de jornal se tornam uma pessoa.

Figure 7. Adding a face to a tragedy can be interpreted as a tactic to lead readers' emotions towards a expected reaction. The apathetic news paper letters become a person.



O desventurado moço José Martins, assassinado em nossa redacção pelas balas dos soldados do Exército na madrugada sangrenta de 29 de Maio.